



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**POLÍTICAS DE ESPORTE EDUCACIONAL NO DF: ESTUDO SOBRE  
A RELAÇÃO ENTRE OS JOGOS ESCOLARES E AS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**Hudson de Sena Corrêa**

Brasília – DF

2017

Hudson de Sena Corrêa

**POLÍTICAS DE ESPORTE EDUCACIONAL NO DF: ESTUDO SOBRE  
A RELAÇÃO ENTRE OS JOGOS ESCOLARES E AS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na  
Faculdade de Educação Física da UnB como requisito  
básico para conclusão do curso de Educação Física.**

**Orientador (a): Pedro Fernando Avalone Athayde**

Brasília – DF

2017

*Dedico o presente trabalho a minha família, pois ela é a minha motivação e inspiração, e aos amigos de graduação, pois sem eles essa jornada teria sido mais árdua e menos engraçada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, primeiramente, porque foi ele quem projetou essa formação. Agradeço aos meus familiares, pois foram eles que abdicaram de muitas coisas, além de fornecer o possível e o impossível para minha educação. Aos amigos de curso, pois sem a motivação que os mesmos passavam a graduação teria sido mais densa, e também, menos cômica. E por último, agradeço ao meu orientador, o professor Pedro Athayde, pois dificilmente encontraria outro mestre que dedicasse tamanha atenção, tempo e paciência para com a minha pessoa, bem como na construção do trabalho.

Obrigado a todos, vocês são bastante importantes.

## RESUMO

O presente trabalho buscou saber se o esporte competição presente nos Jogos Escolares do DF influencia o planejamento pedagógico e o conteúdo esportivo desenvolvido nas aulas de Educação Física Escolares, relacionando os próprios Jogos Escolares com as aulas de Educação Física Escolar. A relação buscou responder algumas questões norteadoras, tais como: Os Jogos Escolares influenciam nas modalidades esportivas preferidas pelos alunos e escolhidas pelos professores; e Contribuem para a não inserção de outros esportes nas escolas. Para tal, foram entrevistados quatro professores de Educação da Regional de Ensino do Recanto das Emas, além do coordenador dos Jogos da cidade, e vinte e sete alunos das séries finais do Ensino Fundamental da Região Administrativa XV responderam ao questionário. Notou-se que o estímulo à competição ainda é eixo norteador tanto das aulas de Educação Física Escolares quanto dos Jogos Escolares, porém, é notório, tanto com as informações obtidas, quanto com a própria história da Educação Física, que esse paradigma aos poucos vem mudando, pois o conteúdo da cultural corporal está cada vez mais amplo, trazendo, por parte dos alunos, curiosidades e anseios para além do conteúdo esportivo.

**Palavras Chave:** Educação Física Escolar, Jogos Escolares, Esporte Educacional.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....	4
2.1. Procedimentos da Pesquisa.....	4
2.2. Amostra da Pesquisa .....	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
3.1. Contexto histórico da Educação Física .....	9
3.2. Contexto Histórico dos Jogos Escolares .....	19
4. RESULTADO E DISCUSSÕES .....	25
5. CONCLUSÕES .....	34

# 1. INTRODUÇÃO

Estudos<sup>1</sup> e nossa experiência empírica demonstram que o esporte possui uma presença marcante nas aulas de educação física, porém algumas de suas dimensões e características vêm sendo colocadas de lado dentro do ambiente escolar. Se, por um lado, observamos que as funções de socialização, inclusão, cooperação, superação, bem como o próprio ato educativo, que deveriam ser os elementos do esporte mais desenvolvidos dentro da escola, andam esquecidas por parte dos educadores. Por outro lado, verificamos que a ênfase à performance e à técnica como um fim em si mesmo, junto ao esporte como ato meramente competitivo, ainda ocupam espaço significativo dentro das aulas de educação física.

Segundo Kunz (2004, pág. 125), “o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria”. Portanto, há de se perceber que o esporte, quando ensinado tão-somente como forma de competição dentro das escolas, desempenha um papel pouco efetivo dentro daquilo que realmente deveria desempenhar, o ato educativo. Na verdade, o foco dedicado à competição não é um problema, pois “a competição em si não é boa ou má, ela é o que fazemos dela” (FERRAZ apud REVERDITO et al., pág. 38). Em nosso entendimento, passa a ser transtorno quando deixa de ser um meio para a transmissão de conhecimentos mais relevantes e passa a ser a finalidade única das aulas de educação física escolar.

Evidentemente, não podemos ignorar a existência de outros fatores que podem ampliar a segregação nas aulas de educação física escolar. Um primeiro fator relaciona-se a uma dupla seleção no momento da escolha do conteúdo a ser transmitido aos alunos durante as aulas. Percebemos aqui a presença de dois problemas: o primeiro deles diz respeito ao processo de esportivização das aulas de Educação Física, fenômeno que trataremos com mais profundidade adiante, mas que – neste caso - diz respeito ao predomínio do esporte em detrimento de outros conteúdos da cultura corporal; já o segundo problema é que, mesmo dentro do conteúdo esportivo, há uma nova seleção, que resulta no não aproveitamento da diversidade e pluralidade das modalidades esportivas, uma vez que, historicamente, é perceptível a dominação de esportes mais tradicionais no âmbito escolar, tais como: futsal, basquete, handebol e vôlei.

---

<sup>1</sup> Destacam-se: “Fundamentos da Educação Física Escolar”, de Carmen Lúcia Soares (1988).  
“A Educação Física cuida do corpo... e mente”, de João Paulo Subirá Medina (1987).

Há outro fator que relaciona-se diretamente com a questão, já discutida, de focalização na dimensão competitiva do esporte. Esse aspecto diz respeito às referências que determinam a organização didático-pedagógica das aulas. Estamos nos referindo a uma aula que se desenvolve tendo como referência ou padrão a sistematização do treinamento esportivo, esse sim com ênfase no estímulo à competição, como mecanismo para atingir sua finalidade de alcance à excelência técnica e à máxima performance. Pensamos que esse não deve ser o parâmetro das aulas de educação física, uma vez que acabam por promover uma exclusão daqueles alunos com capacidade física e habilidade técnica menos desenvolvida.

As opções ou distorções descritas acima conformam um cenário de aprendizagem contraproducente, em que o ambiente escolar, que deveriam primar pela inclusão e participação de todos nas aulas, transforma-se em espaço de seleção e exclusão. Conseqüentemente, envolvidos nesse cenário, os alunos excluídos passam a desenvolver um sentimento de antipatia e resistência às aulas de Educação Física, gerando, portanto, um bloqueio com relação ao aprendizado dos conteúdos oferecidos nessas aulas, sobretudo o esporte e mesmo aqueles mais tradicionais.

Olhando para as políticas de educação do Distrito Federal, organizadas pela Secretaria de Estado de Educação (SEDF), observamos um conjunto de programas e projetos voltado ao esporte educacional. Dentre elas, destaca-se como uma ação de longo prazo e, portanto, tradicional dentro da região, os Jogos Escolares do Distrito Federal (JEDF). Essa competição traz a sua relação com o âmbito escolar já destacada em sua identidade, porém instiga-nos entender: se o esporte de competição presente nas edições do JEDF influencia o planejamento pedagógico e o conteúdo esporte desenvolvido nas aulas de educação física das escolas públicas do Distrito Federal?

A questão acima relaciona-se a um conjunto de outros questionamentos que permearam esse estudo, tais como: Os Jogos Escolares de Brasília influenciam nas modalidades esportivas preferidas pelos alunos e escolhidas pelos professores? Contribuem para a não inserção de outros esportes nas escolas? Então, o presente estudo buscou verificar se os Jogos Escolares do Distrito Federal, bem como os Jogos Escolares do Recanto das Emas, influenciam na escolha dos conteúdos das aulas de Educação Física das escolas públicas.

Além disso, partimos do pressuposto que, embora os jogos carreguem o adjetivo de escolares, tem se parametrizado por elementos constituintes do campo esportivo na sua dimensão de alto rendimento, reproduzindo distorções já observadas nas aulas de Educação Física. Caso essa hipótese se confirme, teríamos os Jogos cumprindo uma função bem diferente daquela que autores destacam como sendo a de eventos dessa natureza: "... se



estamos falando de uma competição escolar, a qual pressupõe seu compromisso com a educabilidade do sujeito, entendemos que esta deve estar consciente de suas particularidades e função”. (REVERDITO et al., 2008, p.38).

Então, para buscarmos respostas às hipóteses relatadas acima, estruturamos o trabalho nos seguintes capítulos: (a) Delineamento Metodológico; (b) Referencial Teórico; (c) Resultados e Discussões; e (d) Conclusão. O Delineamento Metodológico corresponde ao segundo capítulo, essa parte do trabalho encarrega-se de apresentar a orientação teórico-metodológica do estudo, descrevendo o caminho científico trilhado e procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. Portanto, o segundo capítulo descreverá o tipo da pesquisa adotado, a metodologia empregada, além da descrição e detalhamento da amostra de pesquisa. Já o referencial teórico, terceiro capítulo do trabalho, foi dividido em dois subcapítulos: Contexto histórico da Educação Física; e Contexto histórico dos Jogos Escolares. O primeiro traz fatos e acontecimentos que ratificam as funções exercidas pela Educação Física desde sua origem. Já o segundo subcapítulo buscou verificar os eventos e circunstâncias que fizeram com que os Jogos Escolares perdurassem até a atualidade.

E assim terminamos com as últimas duas etapas, “Resultados e Discussões” e “Conclusão”. A penúltima etapa, Resultados e Discussões, e também quarto capítulo, procurou expor, analisar, e interpretar os dados. Nesse caso, para análise e interpretação das informações, relacionamos os Jogos Escolares com a Educação Física Escolar. E por fim, o último capítulo, recupera e apresenta as principais conclusões do estudo desenvolvido. Neste momento de encerramento, trazemos uma síntese da pesquisa realizada, resgatando as hipóteses iniciais, retomando as conclusões obtidas no quarto capítulo e reconhecendo os limites da pesquisa.

## 2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

### 2.1. Procedimentos da Pesquisa

O seguinte estudo caracteriza-se como uma pesquisa social de cunho qualitativo, explorando as relações entre as modalidades esportivas e/ou conteúdos da cultura corporal desenvolvidos nas aulas de Educação Física do Recanto das Emas e os Jogos Escolares da cidade.

A pesquisa foi desenvolvida com apoio do método dialético, pois, segundo Gil (2008, pág. 14), “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc”. Portanto, visto que, o método dialético engloba todas as questões que podem evidenciar alguma mudança, ou perspectiva de mudança, este método mostrou-se o mais adequado para realização do presente trabalho.

Cabe lembrar que, de acordo com Gil (2008), o método acima citado fundamenta-se em três grandes princípios:

- *A unidade dos opostos*, entendendo que os fenômenos sociais e culturais (esporte) são contraditórios;
- *Quantidade e qualidade*, essas duas dimensões estão unidas e não separadas;
- *Negação da negação*, entendendo que realizamos o seguinte percurso investigativo tese (hipótese inicial), antítese (negação e problematização da ideia inicial) e síntese (construção de um novo conhecimento mais elaborado).

Portanto, como descrito anteriormente, o estudo buscou analisar as relações entre os Jogos Escolares do Recanto das Emas e as aulas de Educação Física desta região administrativa, trazendo, como prevê a dialética, principalmente, os aspectos políticos e culturais presentes. Então, podemos dividir a pesquisa em três etapas, a saber: (a) Pesquisa exploratória (fase exploratória); (b) Pesquisa de campo; e (c) Análise e interpretação dos dados. A primeira etapa, a fase de exploração, caracterizou-se como a fase de revisões bibliográficas. A segunda etapa, a pesquisa de campo, configurou-se como a etapa de coleta de dados. Já a terceira etapa determinou-se como a fase de análise e interpretação das informações/dados coletados.

Na primeira etapa foi desenvolvida uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008, pág. 27), “habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental (...)”. Os levantamentos de literatura tiveram ênfase no contexto histórico da Educação Física, assim como na história dos Jogos Escolares Brasileiros.

Na segunda etapa da pesquisa foram desenvolvidas as coletas de dados. Para obtenção das informações foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: o questionário; e a entrevista. Para Gil (2008), alguns dos fatores que justificam a utilização dos questionários nas pesquisas sociais são:

(...) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; garante o anonimato das respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (pág. 122).

Cabe informar que os questionários foram aplicados todos no mesmo dia, logo após o recolhimento dos termos de consentimentos livre e esclarecido, o preenchimento deste documento foi pré-requisito para responder o questionário.

Com relação às entrevistas, optamos pela entrevista semi-estruturada, pois, segundo Triviños (2010, pág. 146) “(...) esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Além disso, a entrevista semi-estruturada “(...) parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. (TRIVIÑOS, 2010, pág. 146).

O roteiro de entrevista foi composto por três questões abertas e foram realizadas presencialmente, mediante gravação de áudio dos entrevistados e do entrevistador. Logo após, as entrevistas foram transcritas (vide em anexos).

Já na terceira e última etapa foi realizado o tratamento dos dados coletados, a partir de interpretações e análises críticas das informações obtidas na etapa anterior. Foram averiguadas as hipóteses com auxílio de obras e artigos, que serviram de subsídio teórico do estudo, e a partir das informações adquiridas interpretamos as realidades evidenciadas na pesquisa, expostas no quarto capítulo deste trabalho.

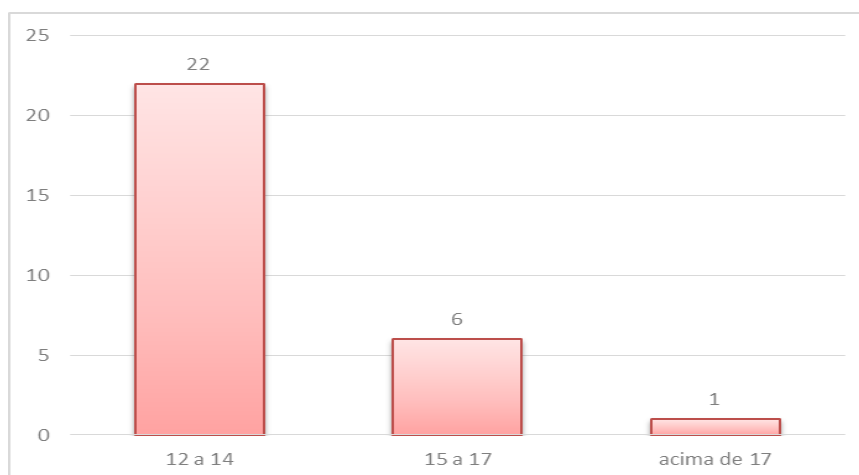
## 2.2. Amostra da Pesquisa

Segundo Triviños (2010), na proposta da entrevista semi-estruturada, quando ela é realizada com diferentes grupos de pessoas, há uma perspectiva de se obter melhores informações. Por isso, na definição da nossa amostra, optamos por realizar a entrevista com dois grupos. O primeiro foi composto por quatro professores de Educação Física do Conselho Regional de Educação do Recanto das Emas. E o segundo grupo foi integrado pelo coordenador dos Jogos Escolares da região administrativa XV.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, a amostra não foi construída a partir de parâmetros estatísticos, conforme explícito no parágrafo anterior. Ao contrário, utilizamos critérios qualitativos, como, por exemplo, a experiência e apropriação dos entrevistados acerca do objeto de pesquisa, os Jogos Escolares. Por conseguinte, adotamos como critério o potencial que os entrevistados escolhidos *a priori* detinham em apresentar respostas com informações qualitativamente relevantes, possibilitando, assim, uma análise crítica de seu conteúdo, bem como a problematização do papel exercido pelos objetos elencados para essa pesquisa.

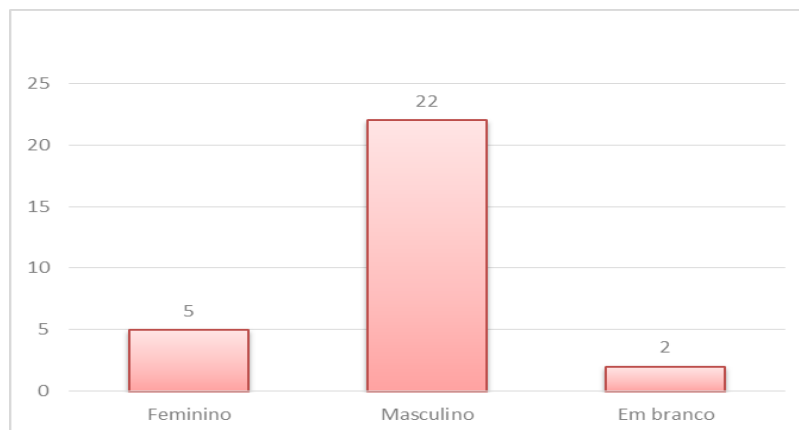
Já no caso dos questionários ocorreu uma ampliação da amostra e, ao mesmo tempo, uma queda na qualidade do conteúdo das respostas, uma vez que o público selecionado corresponde a alunos de educação básica que representariam suas respectivas escolas em alguma modalidade dos Jogos Escolares. O objetivo é buscar apreender também a concepção explicitada por aqueles que participam diretamente dos Jogos na condição de estudantes/atletas, partindo do suposto que esses sujeitos demonstrariam uma visão mais restrita ou direcionada à vivência/prática esportiva, do que aqueles envolvidos nas entrevistas.

**Gráfico 1** – Idade dos alunos que responderam o questionário de campo.



Elaboração própria.

**Gráfico 2** – Gênero dos alunos/atletas que se dispuseram a responder o questionário de campo.



**Elaboração própria.**

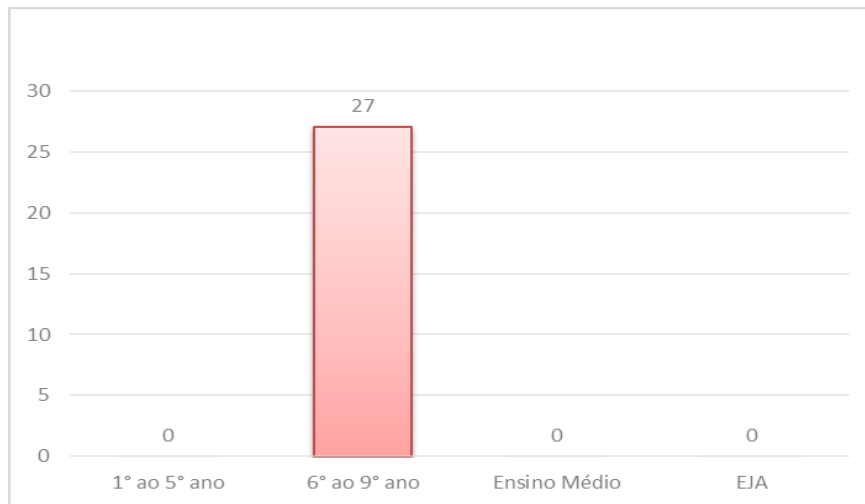
De acordo com os gráficos 1 e 2, observa-se que foram aplicados 29 questionários, entretanto dois não foram respondidos em sua totalidade e, portanto, foram desconsiderados para a sequência da pesquisa.

O gráfico 1 demonstra que aproximadamente 76% dos respondentes estão na faixa etária de 12 a 14 anos. Nesse sentido, vale destacar que os alunos/atletas que se dispuseram a participar da pesquisa tiveram que apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido assinado por algum responsável.

Já o gráfico 2 demonstra uma destacada participação dos alunos de gênero masculino (76%). Por ora, esse dado, de forma isolada, nos possibilita apenas levantar alguns questionamentos ou reflexões sobre os motivos que justificam a incipiente participação das estudantes nos Jogos. *Elas estariam ausentes devido às exigências técnicas das práticas esportivas em um ambiente excessivamente competitivo? As modalidades priorizadas nos Jogos não favorece ou atrai a participação feminina? Não há adequação das regras e da infraestrutura dos Jogos para favorecer a participação dessas estudantes?*

Por fim, o gráfico 3 demonstra que toda a amostra está integrada aos anos finais do Ensino Básico brasileiro.

**Gráfico 3** – Etapa do Ensino Básico da qual a amostra está inserida.



**Elaboração própria.**

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1. Contexto histórico da Educação Física

O subcapítulo a seguir refere-se ao contexto histórico da Educação Física, perpassando, primeiramente, pelo continente europeu, onde teve sua composição, e depois mostrando as influências, majoritariamente europeias, que ela teve em solo brasileiro. Então, no subcapítulo subsequente abordaremos fatos que demonstram quais foram as ênfases/funções atribuídas à Educação Física no decorrer da história, como, por exemplo, em sua gênese quase sempre atrelada a Medicina. Logo, podemos exemplificar citando-a como forma de prevenção de doenças e ideais de saúde, dentre outras formas com quais foi abordada com o galgar dos anos.

A Educação Física surge na Europa, entre os séculos XVIII e XIX, como uma construção de um novo homem, ou homem novo, perpassando por: campo, fábrica, família e também pela escola. Ou seja, ela surge não apenas como uma forma de educação escolar, mas sim como uma educação, digamos, totalizante que “... se faz protagonista de um corpo ‘saudável’, torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar.” (SOARES, 2004, pág.6). Portanto, é possível notar que a Educação Física ultrapassa a escola e atinge a política - onde a burguesia utiliza-se da educação, e não só da Educação Física, para influenciar e controlar o proletariado; a economia e também a cultura.

Entre os anos de 1831 e 1840, as epidemias, como a febre e a cólera, começam a tomar forma, evidenciando o descaso com as classes menos favorecidas e desordenamento do processo de urbanização e industrialização. Em meados do século XIX, as classes dominantes, a burguesia, reconhecem a necessidade de oferecer melhores condições de saúde às classes pobres como forma de garantir a reprodução da força de trabalho. Diante desse objetivo, promove-se uma educação higiênica que forneça a criação de hábitos novos, e por consequência, mais saudáveis. “É este discurso que incorpora a Educação Física e a percebe como um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos.” (SOARES, 2004, pág. 11).

Segundo Húngaro (2011, pág.138), “Para combater tais problemas, teve origem, em meados do século XIX, o movimento de moralização sanitária – fundado na argumentação de que os pobres viviam mal por estarem impregnados de vícios e não se submeterem as regras”. A Educação Física “...incorporará e veiculará a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina,

da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual.” (SOARES, 2004, pág. 14). Entretanto, vale destacar que a proposta burguesa de educação higiênica e controle das epidemias, devido a seu caráter autoritário e controlador, encontrou resistências por parte das camadas populares da sociedade.

Assim, a Educação Física higienista, ao lado dos médicos, ocupam um papel de importância relevante na sociedade, visto que os indivíduos passam a preocupar-se mais com sua saúde, hábitos e condições de vida. Entretanto,

não podemos deixar de apontar o caráter contraditório deste conhecimento que, ao mesmo tempo em que liberta, aprisiona; transforma-se em mecanismo de controle por parte do Estado, que o reconstrói em poder disciplinar e, de modo ora sutil, ora acintoso, utiliza-o para o controle das grandes massas urbanas (SOARES, 2004, pág.21).

Para exercer o papel controlador, ou melhor, manipulador, a burguesia utiliza-se da educação oferecida aos proletários. A Educação Física, servindo como aporte para o adestramento corporal, passa a ter um papel extremamente relevante nesse interesse burguês. Então, ainda no século XIX, o exercício físico toma forma na Educação Física Escolar através da ginástica. O corpo, ou mesmo o seu desenvolvimento, ainda é o foco da educação dos indivíduos, tendo o objetivo de disciplinar os movimentos, ainda seguindo, portanto, o processo de adestramento e disciplinamento. É importante lembrar que tudo isso ocorreu em meio à Revolução Industrial, onde os trabalhadores eram vistos como meras ferramentas para o manuseio das máquinas nas intermináveis jornadas de trabalho, que chegavam a durar até 16 horas. Daí a importância de um corpo forte, adestrado e “saudável”. Portanto,

A ginástica, considerada a partir de então científica, desempenhou importantes funções na sociedade industrial, apresentando-se como capaz de corrigir vícios posturais oriundos das atitudes adotadas no trabalho, demonstrando, assim as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando status. (SOARES, 2004, pág. 52).

A partir da importância disponibilizada ao exercício físico e, conseqüentemente, a ginástica, muitos países europeus passaram a desenvolver seus próprios modelos de ginástica, e que depois vieram a ser copiados por países de outros continentes. Destacam-se as ginásticas inglesa, alemã, francesa e sueca, pois essas tiveram grande influência na Educação Física brasileira.

Então, por volta de 1800 surgem na Europa os modelos ginásticos, ou escolas de ginásticas, desenvolvendo o que cada nação entendia ser necessário para obter seres cada vez mais aptos às exigências do trabalho e também das possíveis guerras. Em geral, apesar de desenvolvidos em vários países, as escolas de ginástica tinham objetivos semelhantes, por



exemplo: regeneração da raça; o desenvolvimento da coragem e da disciplina; e a vontade para servir a pátria seja nas guerras ou no trabalho, como suscitado anteriormente.

A escola alemã caracterizou-se pelo forte culto a nação e defesa da pátria, pois, ainda no início do século XIX, o país não havia realizado a sua dimensão territorial, ou unidade territorial. Portanto, para realizar essa dimensão era necessário ter mulheres, que já recebiam certa atenção, pois eram elas que geravam os novos homens, ou “filhos da pátria”, e homens fortes e saudáveis. Guts Muths, um idealizador da escola de ginástica alemã, baseava seus ideais de ginástica em teorias fisiológicas, acreditando, portanto, que a prática e os exercícios deveriam ser repassados de acordo com o indivíduo. Jahn<sup>2</sup>, outro importante idealizador da ginástica alemã, argumentava que a ginástica deveria expressar um teor militar, colocando a saúde, por exemplo, em um nível menor de importância. Segundo Soares (2004, pág. 54), “ele acreditava que, para formar o ‘homem total’, a ginástica deveria estimular a aplicação dos jogos, pois eles constituem verdadeira fonte de emulação social, e dava especial atenção as lutas uma vez que lhe era sempre presente a possibilidade de uma guerra nacional.” O caráter militar, porém, não descaracterizava a proposta de formação de corpos ágeis e fortes, pelo contrário, “o viés medico-higiênico emprestava o caráter científico que, juntamente com a moral burguesa, completava o caráter ideológico” (SOARES, 2004, pág. 54).

A escola de ginástica sueca é estruturada no início do século XIX. Os objetivos de formar homens fortes e saudáveis destacaram-se, assim como o intuito de retificar os vícios impregnados na sociedade, por exemplo, o alcoolismo. Portanto, a formação de indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios era extremamente importante para nação, pois estes seriam bastante úteis na produção, haja vista que a Suécia começava seu processo industrial, e também nas possíveis guerras, ou seja, a formação de soldados e, conseqüentemente, de exércitos, o que de um modo geral torna-se objetivo em todas as escolas de ginástica. Então, Pehr Henrick Ling, poeta, escritor e idealizador da ginástica sueca, segundo Soares (2004, pág. 57) “...propõe um método de ginástica impregnado de nacionalismo e destinado a regenerar o povo, formar, enfim, homens de bom aspecto que pudessem preservar a paz na Suécia”. O método utilizado por Ling, assim como o de Guts Muths, baseava-se na ciência, porém o sueco deduzia e repassava os exercícios a partir de análises anatômicas. Ling, que teve grande influência nas outras escolas europeias, assim como no Brasil, costumava dividir sua ginástica em quatro partes, a saber: Ginástica pedagógica ou educativa; Ginástica militar; Ginástica médica ou ortopédica; e Ginástica estética.

Já na França o modelo ginástico, desenvolvido na primeira metade do XIX, surgiu com o objetivo de buscar, junto à educação, o desenvolvimento social, com o intuito de

---

<sup>2</sup> Friederich Ludwig Jahn (1778-1825).

formar homens completos. Então, de acordo com Soares (2004, pág.61), “é nesta perspectiva que a ginástica será organizada não somente para militares, mas também para toda a população, colocando-se como uma prática capaz de contribuir para a formação do homem ‘completo e universal’”. Portanto, a educação e, por consequência, a ginástica tornam-se um direito de todos e não só dos militares. O Fundador da ginástica francesa Amoros<sup>3</sup>, seguiu, assim como na Suécia, o modelo de Guts Muths, portanto, traçou requisitos científicos, ou anatomofisiológicos, mas teve como modelo o também alemão Jahn, colocando também a moral e o patriotismo no modelo ginástico francês. Porém, conforme Soares (2004, pág.62):

[...] para além dos exércitos, o problema da produção também se colocava. Os corpos saudáveis eram também uma exigência do capital. E a ginastica, ‘receitada’ para todos, era como um remédio que teria a capacidade de extirpar a fraqueza e devolver a virilidade ao povo.

Portanto, algo semelhante à cura dos vícios estipulada na ginástica sueca de Ling, que foi utilizada como exemplo por Amoros em território francês, atribuindo a ginástica a vários campos como o militar, o médico e o civil, por exemplo.

Por conseguinte, de um modo geral, a ginástica ganha espaço na Instituição Escolar<sup>4</sup> e passa a ser um complemento da educação dos indivíduos que, com apoio dos pensamentos liberais<sup>5</sup>, passam a ter os exercícios físicos como parte da educação.

O objetivo da educação nacional será fortificar o corpo e desenvolve-lo por meio de exercícios de ginástica; acostumar as crianças ao trabalho das mãos; endurece-las contra toda espécie de cansaço, dobra-las ao jugo de uma disciplina salutar, formar-lhes o coração e o espírito por meio de instruções uteis; e dar conhecimentos necessários a todo cidadão, seja qual for sua profissão [...] (CUNHA, 1980, apud SOARES, 2004, pág. 42).

Já no Brasil, a Educação Física, em sua história, possui uma estreita relação com as instituições militares, médicas e também esportivas. Em um contexto geral, ela assemelha-se ao que ocorreu na Europa. A Educação Física higienista também eclodiu em território brasileiro, em meados do século XIX, e assim como na Europa, teve um papel de zelar pela saúde da classe menos favorecida, que era encontrada em campos e ambientes suburbanos sem infraestrutura e, inevitavelmente, expostos as grandes epidemias que também atingiram o país. Essa proposta de Educação Física também teve um grande lado manipulador em território brasileiro, pois ela tinha a proposta de formar, assim como no continente europeu, um homem forte e saudável que estivesse sempre apto ao trabalho braçal. Porém, no Brasil, a perspectiva higienista teve outro importante papel, o de eugeniização da população.

No começo do século XIX, portanto, fim do Brasil colonial, é que as questões de saúde e higiene começam a tomar importância junto às elites. A medicina e os higienistas

---

<sup>3</sup> D. Francisco de Amoros y Ondeano (1770-1848).

<sup>4</sup> Soares (2004) refere-se à escola.

<sup>5</sup> Destaca-se Louis Michel Leppelletier de Saint-Fargeau (1760-1793), político francês eleito em 1789 presidente do Parlamento de Paris.

agem, porém, primeiramente nas famílias elitizadas, pois não interessava ao Estado adentrar no padrão já estabelecido aos escravos, que continuavam a receber os mesmos castigos e atos punitivos já implantados. Esse modelo proposto em território brasileiro ocorreu com o errado aporte da ciência, que na época considerava o homem branco superior ao homem negro, assim como a superioridade do homem perante a mulher. Então,

por volta da segunda década do século XIX, já em momento posterior a conquista da independência, é desencadeado um vigoroso projeto de eugeniização da população brasileira. Este projeto se coloca como possibilidade de alteração de um quadro no qual a metade da população do Brasil era constituída de escravos negros, índice que permanece até por volta de 1850, quando, para uma população de 5.520.000 pessoas livres, encontram-se 2.500.000 negros (SOARES, 2004, pág.73).

Esse processo de eugeniização tinha por objetivo equilibrar as populações branca e negra. Segundo Soares (2004, pág. 74), “... a ‘apurada educação das elites’ pensada pelos higienistas deveria associar a educação física à educação sexual, transformando homens e mulheres em reprodutores potenciais e, ao mesmo tempo, vigilantes da pureza de sua própria raça”. A partir disso, a Educação Física começa a tomar um importante espaço na vida das famílias de elite, o que foi usado de aporte para os médicos começarem a produzir estudos.

Essas obras imiscuíram-se na intimidade das famílias, e, em nome de uma educação física, moral, sexual, intelectual e social, ditaram normas de vida, referindo-se a conduta de mulheres e homens, aos cuidados com os recém-nascidos, ao asseio, aos banhos, aos exercícios físicos, chegando até à vestimenta e aos hábitos alimentares (SOARES, 2004, pág.74).

Esse processo de educação higiênica é levado para a população em geral somente pós período Imperial, ou seja, pós 1889 e fim de século XIX. Para Soares (2004, pág.75), “Desse momento em diante, o discurso normativo e disciplinador da higiene se estenderá a toda a população, ou seja, quando o trabalho assalariado se torna predominante”. Logo, é nesse momento que a proposta higienista começa a preocupar-se com a outra parte da população.

Depois, já no século XX, utilizando também as ginásticas europeias, surge a Educação Física militarista. Esse período, como já suscitado, teve grande influência dos modelos ginásticos europeus, destacam-se os alemães, franceses e suecos.

O modelo ginástico alemão foi muito bem aceito no Brasil, pois, ainda no século XIX, teve grande influência no processo de eugeniização, que contou com a imigração dos alemães para o sul do país e, por consequência, para adentrar nesta proposta de renovação da raça já que o homem europeu era tido como modelo porque era considerado forte, educado e disciplinado; e também pela, digamos, “importação” militar efetuada por Dom Pedro II, ainda no século XIX, que objetivou aumentar o contingente do exército brasileiro com os soldados alemães. Portanto, essa imigração teve grande influência nos métodos adotados em terras brasileiras, haja vista que ele serviu como meio para disciplinar e fortificar os corpos, dando continuidade à lógica estabelecida na perspectiva higienista. A forte contemplação no meio

militar brasileiro deve-se muito a esta importação dos soldados alemães, que trouxeram consigo seus costumes e, portanto, a ginástica. O método ginástico alemão foi o primeiro a adentrar na instituição escolar, trazendo as metodologias e suas características para dentro do ambiente escolar brasileiro, sendo seguido, posteriormente, pelos métodos ginásticos sueco e francês.

Na escola, de um modo geral, essa tendência, assim como as outras, teve como objetivo a formação de uma geração pronta para o combate, excluindo os menos favorecidos fisicamente e selecionando os mais fortes, pois cada corpo era visto como o corpo de um soldado, e por consequência, em uma totalidade, um exército. As aulas eram pautadas na disciplina e na hierarquia, fortes requisitos do militarismo e do método alemão.

Já o modelo ginástico sueco, discutido e conhecido, em um primeiro momento no ano de 1882, pelo parecer Rui Barbosa nº 224, obteve uma maior aceitação na área escolar, deixando as áreas militares ainda com maior adequação ao modelo alemão. A pedagogia com a qual o modelo de ginástica sueco trouxe consigo veio a ser o maior motivo pelo qual ele tenha sido tão aderido nas escolas e não tão bem nas instituições militares, porém o seu caráter científico, evidenciado por Ling, também trouxe bastante status, o que motivou os pensadores<sup>6</sup> a cobrarem sua adesão nos ambientes escolares. “No Brasil, Rui Barbosa foi um grande defensor da ginástica sueca de Ling, fundamentalmente por ela basear-se na ‘ciência’ e relacionar-se com a medicina e com os médicos, grandes magos do Brasil republicano” (SOARES, 2004, pág. 60). Por esses motivos evidenciados por Rui Barbosa, o método sueco teve grande aceitação frente à classe política brasileira, pois os conhecimentos científicos, os anatômicos e fisiológicos, traziam status, como dito anteriormente, e também correspondia aos interesses do sistema implantado.

O método ginástico francês foi introduzido no Brasil em meados da primeira década do século XX, porém só foi oficialmente adotada em 1921, através do Decreto nº 14.748. Já em 1929, o Ministério da Guerra elaborou um anteprojeto do qual determinava que a “Educação Física fosse praticada por todos os residentes no Brasil e com obrigatoriedade em todos os estabelecimentos de ensino”. (CANTARINO FILHO, 1982, apud SOARES, 2004, pág. 67). E então, o Ministério da Guerra definiu: “Enquanto não for criado o ‘Método Nacional de Educação Física’, fica adotado em todo o território brasileiro o denominado Método Francês, sob o título de ‘Regulamento Geral de Educação Física’”. (MARINHO, s.d.a, apud SOARES, 2004, pág. 67).

Em meados da década de 1930, ainda do século XX, inicia-se no país um movimento de renovação da educação, tendo como aporte o pensamento desenvolvimentista, que via na

---

<sup>6</sup> Destacam-se: Rui Barbosa (1849-1923) e Fernando Azevedo (1894-1974).

escola um meio para concretizar seus fins. Assim, a Educação Física, que era confundida muitas vezes com a ginástica, passa a se preocupar mais com as questões voltadas para a dimensão higiênica, voltando sua atenção para a saúde dos alunos. Há de se ressaltar que o método ginástico francês conservou-se em terras brasileiras até meados da década de 1960, tendo longa duração, quando foi substituído pelo forte processo de esportivização.

Depois, pós Educação Física militarista, em meados da década de 1930, surge a Educação Física pedagogicista. De acordo com Gancz (2006, pág. 1981), “com uma visão que pode ser traçada ao liberalismo, a vertente pedagogicista propunha a educação física como um meio de formação do indivíduo”. Portanto, a vertente pedagogicista parece começar a ver a formação não apenas como a preconização do condicionamento físico. Dessa forma, “a educação física, acima das ‘querelas políticas’, é capaz de cumprir o velho anseio da educação liberal: formar o cidadão” (GUIRALDELLI JÚNIOR, 1989, pág. 29).

Logo após, na década de 1960, junto à ditadura militar, eclode a Educação Física competitivista que ficou marcada pelo forte processo de esportivização, pelo tecnicismo, pelo forte culto aos atletas, que eram considerados “heróis”, e também pela veneração ao esporte de desempenho e competição. No caso da esportivização, podemos identificar dois movimentos não antagônicos e que, ao contrário, se complementam. O primeiro decorre do destaque que o esporte obteve dentro do mundo da cultura corporal de movimento, como consequência de suas características afinadas aos valores da sociedade contemporânea (BRACHT, 2005). Nesse sentido, um conjunto de práticas corporais assumem os códigos e significados esportivos como uma forma de busca por reconhecimento social e valorização econômica.

Ao mesmo tempo, há um segundo sentido do processo de esportivização que diz respeito à hegemonia do esporte (ou de alguns esportes) dentro das aulas de educação física, secundarizando outros conteúdos da cultura corporal. A escola, por conseguinte, vem a ser só mais um espaço, ou melhor, o espaço para o desenvolvimento dos esportes, mas não o esporte como forma de lazer, e sim o esporte de alto rendimento, a competição. A escola torna-se uma mera ferramenta para treinamentos e aperfeiçoamentos de técnicas e, ainda, do físico dos indivíduos. Então, a Educação Física é utilizada agora pela Instituição Esporte, como descreve Bracht (1997, pág. 22):

Mais uma vez a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição, e, de tal forma, que temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na Escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentido da instituição esportiva. O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física.

Então, a Educação Física começa a ser confundida com o esporte e, portanto, com a competição e por consequência com a busca por resultados. O ambiente escolar passa a ser a base de uma pirâmide<sup>7</sup> que visa extrair futuros potenciais para representação da nação em eventos mundiais, que expressam as forças e virtudes dos países frente aos seus desenvolvimentos, tais como as Olimpíadas. Portanto, a escola passa a ser o principal referencial para o desenvolvimento técnico e físico dos atletas, e/ou alunos, que passam a ser vistos como meio para obtenção de sucesso nos eventos suscitados. Porém, todo esse processo requer certa seleção, pois nem todos os alunos, ou atletas, estariam aptos a atender os ensejos das Instituições Esportivas, ou mesmo do Estado. Daí, o modelo piramidal esportivo começa a estratificar o ambiente escolar através dos talentos esportivos e também das características físicas, que seriam “pré-requisitos” para atingir o ápice da pirâmide, ou seja, o alto rendimento e nesse caso a representação da nação.

Já a relação estabelecida entre professor e aluno não mudou muito quando comparado com a perspectiva militarista, ou seja, a relação passou de instrutor-aluno para treinador-atleta/aluno. Então, segundo Bracht (1997, pág.23):

Os professores não operam a diferenciação dos papéis de treinador e professor, em parte, porque a própria Educação Física, não tendo autonomia ou uma identidade pedagógica, não fornece um referencial, um conjunto fundamentado e institucionalizado de expectativas de comportamento. Isto é, a própria definição do papel do professor de Educação Física inexistente. Esta falta de referência é fator de perpetuação da indiferenciação destes papéis.

Em meados da década de 1980, pós-vertente competitivista e fim da ditadura militar, como consequências das transformações sociais e políticas que ocorriam no país, surge uma concepção crítica na Educação Física, criticando proposições anteriores e debatendo a função social da Educação Física escolar. Dentre as obras de referência produzidas à época, destaca-se a produção do “Coletivo de Autores”<sup>8</sup>.

Essa concepção crítica da Educação Física teve forte influência da “Teoria Crítica do Esporte”, que emergiu em território Europeu, mais especificamente na Alemanha, na escola de Frankfurt, em meados da década de 1960, desenvolvida pelos teóricos das Ciências Sociais. Essa teoria buscava pensar e criticar a lógica com a qual o esporte estava sendo delineado, sobretudo pelos ideais olímpicos, que dotavam condições de dominação frente às classes menos favorecidas e também aos ideais de corpo. E justamente por esta sedimentação, e também pela semelhança ideológica frente à sociedade industrial, que os teóricos voltaram

---

<sup>7</sup> A pirâmide esportiva é uma representação simbólica erigida pela ótica da massificação esportiva. Trata-se de uma figura na qual o ambiente escolar é transformando em lócus prioritário de desenvolvimento do esporte de base que deve estar a serviço do ápice representado pelo esporte de alto rendimento ou espetáculo.

<sup>8</sup> Referimo-nos à primeira edição da obra Metodologia do Ensino da Educação Física.

análises e críticas para o papel desempenhado pelo esporte, ou para o que o Estado estava fazendo com o esporte.

O esporte não é um sistema à parte, mas de diversas formas interligado com o desenvolvimento social, cuja origem está na sociedade burguesa e capitalista. Embora constitua um espaço específico de ação social, o esporte permanece em interdependência com a totalidade do processo social, que o impregna com suas marcas fundamentais: disciplina, autoridade, competição, rendimento, racionalidade instrumental, organização administrativa, burocratização, apenas para citar alguns elementos. (RIGAUER, 1969, apud VAZ, 2005, pág.8).

No Brasil, além das significativas mudanças internas pelas quais o país passava a “chegada” de uma teoria crítica na Educação Física também é explicada por uma influência externa. Isso porque, professores que se vinculavam aos cursos superiores de Educação Física retornavam de programas de pós-graduação fora do país, onde tomaram contato com autores e obras ligadas à perspectiva crítica e dialética. A “tentativa de ruptura<sup>9</sup>” promovida por esses autores buscava alimentar uma formação mais ampla e com maior criticidade, estimulando a constituição de sujeitos autônomos, críticos e autores de sua própria história, o que rompia com uma visão limitada e unilateral de formação calcada na aptidão física. A título de exemplo empírico:

[...] o aluno sistematiza o conhecimento sobre os saltos e os conceitos que explicam o conteúdo e a estrutura do objeto salto, desde as leis físicas e características no nível cinesio/fisiológico, até às explicações político-filosóficas da existência de modelos de salto (COLETIVO DE AUTORES, 1993, pág. 65).

Então, em território brasileiro as análises críticas chegaram com o fim da ditadura militar, como já suscitado, e que

(...) em grande parte vieram associadas à renovação dos discursos educacionais que pretendiam superar o tecnicismo pedagógico e encontraram um lugar fértil em uma área de conhecimento que no final dos anos setenta e início dos oitenta dava seus primeiros passos acadêmicos, a educação física. (VAZ, 2005, pág.8).

Portanto, diferentemente do que ocorreu na Europa e em alguns outros continentes, em solo brasileiro, a Teoria Crítica do Esporte foi pautada pela Educação Física e não no âmbito Ciências Sociais.

A concepção crítica desenvolvida no Brasil buscava analisar e questionar ainda o fato da Educação Física brasileira, acima de tudo a estabelecida na escola, ser confundida ou mesmo considerada o esporte, pois na Educação Física competitivista o ato esportivo era abordado como atividade “fim” para o ensino, tendo ênfase as técnicas e também o físico, e “... a intenção velada de atender aos interesses do desporto de alto nível do que propriamente

---

<sup>9</sup> Inspiramo-nos no título do capítulo do professor Edson Marcelo Húngaro, na obra “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’”, intitulado “A Educação Física e a tentativa de ‘deixar de mentir’: o projeto de ‘intenção de ruptura’”.

se inserir no processo de garantir ao meio escolar um instrumento de socialização.”  
(CASTELLANI FILHO, 1985, pág.10).



### 3.2. Contexto Histórico dos Jogos Escolares

No subcapítulo anterior fizemos uma descrição da história da Educação Física, tanto no continente europeu, quanto em terras brasileiras. Agora, para relacionar os dois temas da pesquisa, faremos uma delimitação dos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's), mostrando desde seu princípio até os dias atuais. Portanto, no decorrer deste subcapítulo, iremos acompanhar os fatos e desdobramentos que levaram os Jogos Escolares Brasileiros a perdurar até os tempos atuais.

Os Jogos Escolares Brasileiros (JEB's) têm sua gênese no ano de 1969, com a primeira realização no estado do Rio de Janeiro, mais especificamente na cidade de Niterói, contando, inicialmente, com a participação de sete estados que foram representados por 315 estudantes. Segundo dados do Ministério do Esporte<sup>10</sup>, na segunda edição, realizada em Curitiba, no Paraná, o número de participantes cresceu mais de 100%, com 649 participantes, entre atletas escolares e dirigentes. Em 1971, a proporção de crescimento numérico foi ainda maior. No terceiro JEB's, em Belo Horizonte, o número de atletas escolares foi de 1.744 e, em Maceió, em 1972, participaram 2.913 atletas escolares e dirigentes. Em Brasília, no ano seguinte, foram 4.480, envolvendo 25 unidades da Federação. “Os Jogos Escolares Brasileiros eram a manifestação máxima de competições escolares, porque reuniam escolares de todo o Brasil numa grande festa de confraternização.” (TUBINO, 2010, pág. 128).

Mas, antes de ressaltar o processo histórico com o qual os JEB's se desenvolveram vamos, por ora, relatar os “tipos” de Esporte, ou “Esporte Contemporâneo”, segundo Tubino 2010. Tal definição nos auxiliará a perceber com maior clareza quais são as características do esporte desenvolvido no âmbito dos Jogos e a função que esse evento ocupa na formação dos estudantes. Essas observações se fazem a partir da identificação de qual das manifestações – descritas abaixo - estará mais presente nos Jogos, transparecendo o foco dos processos dos quais os jogos desencadeiam. Portanto, de acordo Tubino (2010), podemos definir o Esporte da seguinte forma:

- Esporte-Educação (Esporte Educacional e Esporte Escolar), o sentido será sempre o da formação, e a cidadania estará efetivamente na referência principal.
- O Esporte Educacional seria o esporte para todos, que compreende as práticas esportivas para todos na escola ou fora da escola, alcançando crianças e adolescentes, está apoiado em princípios socioeducativos (exemplos: princípios da cooperação, da participação, da coeducação, da corresponsabilidade, da inclusão).

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/jeb/2012/JEBs1969a1975.jsp/>. Acesso em: 03 de Dez. de 2016.

- O Esporte Escolar é aquele que aceita as vocações esportivas, destinando-os à utilização nas competições externas intercolégiais, nas quais os princípios soberanos são o princípio do desenvolvimento esportivo e o princípio do desenvolvimento do espírito esportivo.

Então, para referirmo-nos ao histórico dos JEB's, seguimos o pensamento de Arantes; Martins; Sarmiento (2012) que se apoiaram em Tubino (2010), que propõe cinco períodos do Esporte Educação, a saber: *i) Não Existência Formal do Esporte Educação; ii) Ênfase do Esporte de Rendimento no Esporte Educação; iii) Reflexão sobre o Esporte Educação; iv) Obscurantismo no Esporte Educação; e v) Retomada da Reflexão no Esporte Educação.* Seguindo a divisão histórica feita pelos autores no ano de 2012, temos: Primeira Fase – 1969 a 1984: O Início; Segunda Fase - 1985 a 1989: Esporte Educacional; Terceira Fase - 1990 a 2004: Procurando a Identidade; e Quarta Fase - 2005 a 2010: Encontrando o Rumo.

A primeira fase é marcada pela criação de uma estrutura organizacional embrionária para cuidar da educação física e do esporte escolar.

Com relação à organização institucional do esporte, observou-se que inicialmente o Esporte e a Educação Física foram conduzidos pela Divisão de Educação Física e Desporto do MEC (DEF/MEC). Posteriormente, este órgão foi sucedido pelo Departamento de Educação Física e Desporto (DED/MEC) e mais tarde pela Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED/MEC), como o órgão responsável pelo Esporte e Educação Física no país. Estes mesmos órgãos foram os principais financiadores e organizadores dos Jogos Escolares Brasileiros entre 1969 e 1984 (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 918).

Os objetivos dessa fase inicial foram fixados na “... importância do intercâmbio social e esportivo, as boas relações entre mestres e alunos, promoção de relação segura entre os estudantes e o poder público além de possibilitar o surgimento dos talentos esportivos” (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 918). Nessa fase, ainda foram alteradas algumas vezes as nomenclaturas<sup>11</sup> dos Jogos. Nessa primeira fase nos anos de 1978, 1980 e 1982 ocorreram seletivas para a disputa dos JEB's nos anos de 1979, 1981 e 1983, respectivamente. Essas seletivas foram denominadas Campeonatos Escolares Brasileiros – CEB's. Há de se ressaltar que esta fase ocorreu, majoritariamente, em meio à ditadura militar, o que na época corroborou para “[...] os jogos/competições escolares constituíam-se apenas em manifestações de esporte de rendimento nos ambientes estudantis.” (TUBINO, 2010, pág. 66). Logo, segundo Tubino (2010, pág. 128) “[...] não havia nenhuma discussão sobre a relevância social desses Jogos, que reproduziam os eventos esportivos de alta competição.”

Na segunda fase, “A SEED/MEC atua durante este período como a responsável pela área do Esporte e Educação Física no país. Este mesmo órgão foi o principal financiador e

---

<sup>11</sup> Entre 1969 e 1975 os jogos se chamaram Jogos Estudantis Brasileiros – JEB's; E de 1976 a 1984 se chamaram Jogos Escolares Brasileiros – JEB's.

organizador dos Jogos Escolares Brasileiros entre 1985 e 1989” (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 919). Nessa fase, os Jogos tiveram como objetivo, tendo vista o seu papel educacional, “desvincular definitivamente das competições, que superestimando o confronto entre estudantes e subvertendo o espírito de solidariedade, buscam exclusivamente o rendimento” (BRASIL, MEC, 1989, apud ARANTES et al, 2012, pág. 919).

Então, “Em 1989, como síntese de toda essa reação, os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) foram realizados no formato de Esporte Educacional, apoiados, pela primeira vez, em princípios sócio-educativos.” (TUBINO, 2010, pág. 129).

A terceira fase, no tocante a estrutura institucional, é caracterizada pela separação entre educação e esporte, com criação de órgãos (estrutura) específica para este último. Não nos cabe no escopo deste estudo analisar os impactos positivos e negativos dessa mudança, mas, em certos momentos, ela trouxe para a Educação Física uma dificuldade de identificar que interlocutor no âmbito estatal deveria privilegiar.

Com relação à organização institucional do esporte, observa-se a passagem de diferentes organismos no comando do esporte neste período, a saber: Secretaria de Desporto da Presidência da República (SEDES/PR), Secretaria de Desporto do Ministério da Educação (SEDES/MEC), o Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte (INDESP/PR e depois INDESP/MEC), Ministério do Esporte e Turismo (MET) e Ministério do Esporte (ME). Estes órgãos foram responsáveis pela fonte principal de recursos para os jogos neste período, bem como estiveram na organização do evento. (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 919).

Então, “a tendência nacional do Esporte-Educação, depois do início do Governo Collor, foi voltar à perspectiva do rendimento. A alegação era que estava referenciado em resultados a curto prazo e não em projetos de futuro social.” (TUBINO, 2010, pág.131).

Ainda nessa fase, cabe destacar que:

Em 1996, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) participa pela primeira vez da organização dos jogos em parceria com o INDESP e permanece nesta parceria com o poder público até a última edição desta fase em 2004 com o Ministério do Esporte. Em 2003, o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) participa da organização desta edição do evento, em parceria com o COB e o ME (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 919).

Os objetivos dessa terceira fase vão de acordo com os dos Jogos da Juventude (JJ) e das Olimpíadas Geral da Esperança (OCE), que clamam pela descoberta dos talentos esportivos. Além desse objetivo, foram estabelecidos “no JJ e OCE em comum a preocupação com a mobilização da juventude e na OCE e JEB’s vê-se a preocupação com o desenvolvimento integral do aluno e com o estímulo e oportunidade acesso ao esporte na escola” (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 919).

Nessa quarta e última fase, define-se o papel relevante do Ministério do Esporte e do COI na organização da edição nacional dos Jogos. Além disso, fica evidente a próxima

relação entre o poder público e as entidades de administração esportiva, bem como a importância dos recursos públicos para financiamento do esporte escolar.

O Ministério do Esporte foi o órgão responsável pelo esporte brasileiro durante este período. A Lei Agnelo Piva – Lei 10.264/01 - foi a principal fonte de financiamento dos jogos durante o período de 2005 a 2010. São destinados 10% de recursos desta Lei diretamente ao COB para aplicação preferencial na execução dos jogos escolares. A organização dos Jogos teve como principal responsável o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e contou com o apoio do Ministério do Esporte (ME) para sua realização. (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 920).

Nessa última fase, o evento foi denominado Olimpíada Escolar, considerando até o ano de 2011, porém atualmente é aclamado como Jogos Escolares da Juventude, e não houve mudanças na nomenclatura. Os objetivos, segundo (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, pág. 920), foram:

[...] a descoberta dos talentos esportivos, mobilização da juventude escolar, desenvolvimento integral do aluno e o estímulo e oportunidade de acesso ao esporte na escola. [...] Todas as edições contaram com duas etapas dos jogos: primeira etapa de 12 a 14 anos e a segunda etapa de 15 a 17 anos. A média de atletas escolares por edição foi de 5.328.

Agora, trazendo os Jogos Escolares para o âmbito regional, o Distrito Federal, os Jogos Escolares do Distrito Federal (JEDF) ocorrem há 55 anos, iniciando a 56ª edição no ano de 2016. A competição é dividida em dois momentos, de acordo com as faixas etárias, a saber: de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos, espelhando as categorias presentes na quarta fase do JEB's ou Olimpíada Escolar.

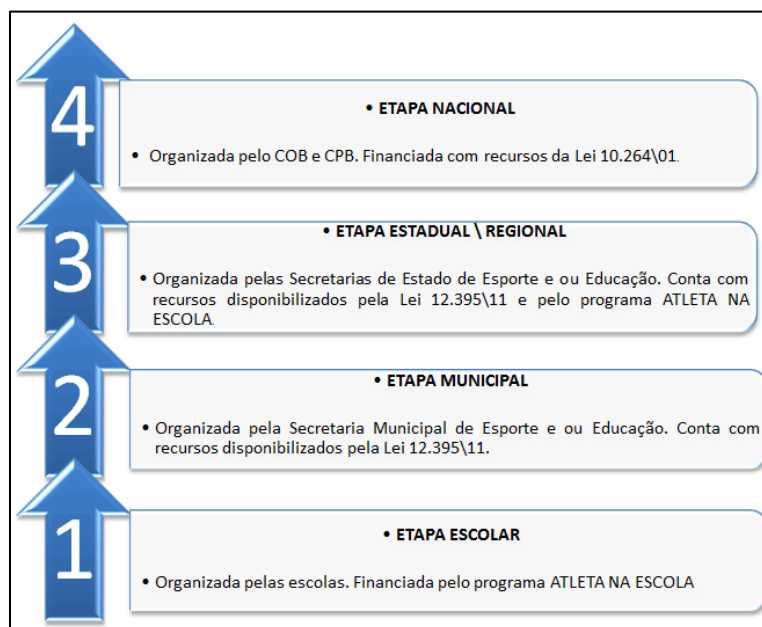
Em 2015, segundo dados da Secretaria de Educação, o grupo mais jovem obteve 188 escolas inscritas, 63 particulares e 125 públicas; no outro grupo foram inscritas 193 escolas, sendo 69 particulares e 124 públicas, aproximando-se de um total de oito mil participantes. De acordo com estimativas da Secretaria de Educação, o torneio de 2016 custou algo em torno de R\$ 1,3 milhão, 10% a mais do que a edição passada.

Já na esfera mais local, mais restrita, ou seja, falando dos Jogos Escolares do Recanto das Emas (JEREM), trata-se de uma competição relativamente nova, quando comparado com o JEDF e com o JEB's, visto que ele ocorre há 15 anos, iniciando a 16ª edição no ano de 2016.

A edição de 2016 foi dividida em cinco etapas e/ou segmentos, de acordo com as faixas etárias de ensino, então: Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Séries Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA. O torneio de 2016 contou com a participação de 33 escolas, já incluindo os Centros de Educação de Primeira Infância – CEPI e também a Unidade de Internação do Recanto das Emas – UNIRE, portanto, assim como citado acima, esta edição irá contemplar algumas categorias do Ensino Básico, com as quais o “Currículo em Movimento” do DF aborda em seu projeto.

Há, porém, um programa criado, recentemente, que interfere na lógica operacional dos Jogos Escolares. O programa “Atleta na Escola”, que serviu como base – dentro do modelo piramidal - para o projeto *Brasil Medalhas*, que possuía o objetivo de colocar o Brasil entre os 10 primeiros colocados no quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, que, por sua vez, tem influenciado as etapas dos Jogos Escolares desde o ano 2013, pois é ele que tem financiado a etapa escolar, ou seja, a base dos JEB’s.

**Figura 1:** Fluxograma referente às fases/etapas dos Jogos Escolares.



**Fonte:** Ministério do Esporte (2017).

Os Jogos escolares são um evento marcante no ambiente escolar, despertando atenção, interesse e envolvimento de toda a comunidade escolar: direção, professores, funcionários, estudantes e pais. No âmbito da Educação Física, essa valorização pode gerar algumas distorções no julgamento do que venha a ser considerado um bom professor. Em outras palavras, por vezes, um bom resultado esportivo nos jogos é mais valorizado e ganha maior visibilidade do que um bom planejamento pedagógico.

Ao mesmo tempo, é necessário destacar que a lógica operacional dos Jogos é classificatória, logo, os alunos com destaque nas etapas escolares e municipais participam das etapas municipais/estaduais e, caso obtenham sucesso, vão para etapa subsequente, ou seja, a etapa nacional, também denominada Jogos Escolares da Juventude e Paraolimpíadas Escolares. Por conseguinte, ainda que os Jogos despertem o interesse da comunidade escolar de forma abrangente, ele não é um evento acessível a todos. Isso porque, assim como o modelo piramidal, cria um sistema pautado na seleção e exclusão, afunilando a busca pelos

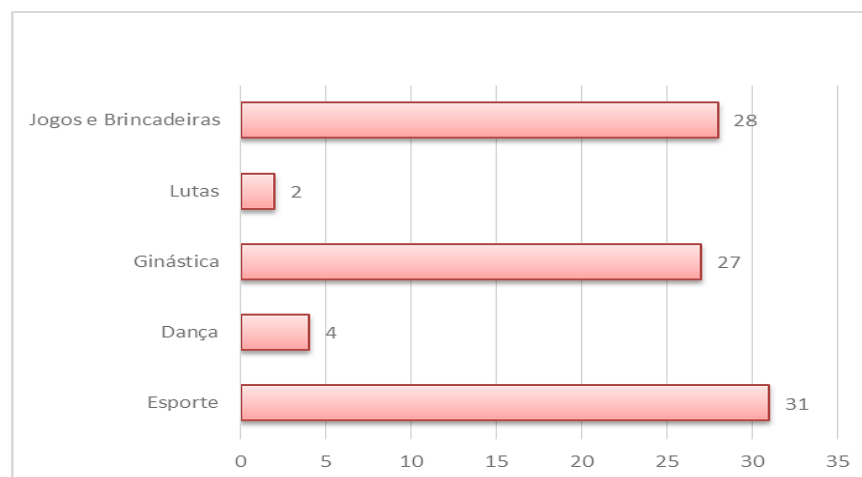
melhores estudantes/atletas, ou seja, aqueles com potencial para atender ao esporte de alto rendimento em nível nacional e internacional.

## 4. RESULTADO E DISCUSSÕES

No Capítulo anterior, o terceiro, abordamos os contextos históricos da Educação Física e também dos Jogos Escolares Brasileiros. Portanto, foram relatados fatos e histórias que nos fizeram chegar ao que temos nos dias atuais. O capítulo anterior serviu, prioritariamente, para que pudéssemos conhecer a fundo os temas abordados, pois eles serão a base para o desenvolvimento do capítulo que está se iniciando, onde iremos relacionar os Jogos Escolares com as aulas de Educação Física Escolar, a fim de adquirir respostas para os questionamentos criados antes e durante a pesquisa. Portanto, na sequência do capítulo iremos retratar sobre os dados obtidos na pesquisa, tentando analisa-los e relaciona-los com os temas da pesquisa, ou seja, as aulas de Educação Física e os Jogos Escolares.

Para começar a análise dos dados e, por consequência, interpreta-los e discuti-los, devemos antes ter uma ideia do que as aulas de Educação Física Escolar estão propondo com relação aos conteúdos que são transmitidos para os alunos da rede pública de ensino do Recanto das Emas.

**Gráfico 4** - Conteúdos trabalhados nas aulas de E.F.E (Educação Física Escolar) da rede pública de ensino do Rec. Emas.



Elaboração Própria.

O Gráfico 4 detalha, segundo as respostas dos alunos, os conteúdos ministrados durante as aulas de Educação Física Escolar. As informações confirmam o predomínio da prática esportiva perante outros conteúdos da cultura corporal, conforme observava Bracht (2005). Entretanto, a prevalência pelo esporte é confirmada por uma diferença pequena. Nesse sentido, diferentemente de nossas hipóteses iniciais, observamos uma relativa diversificação dos conteúdos nas aulas de EFE das escolas do Recanto das Emas. Isso é confirmado pelas respostas dos estudantes que indicam uma presença significativa dos conteúdos jogos e brincadeiras e ginástica, apresentando índices próximos ao do esporte, transferindo, desse

modo, conteúdos abarcados pelo “Currículo em Movimento”. *Mas o que será que levou os outros conteúdos a serem tão trabalhados quando comparados ao esporte?*

Historicamente, observamos o processo de esportivização das manifestações da cultura corporal, seja no ambiente escolar, seja fora dele. Essa transformação suplantou os interesses higiênicos e eugênicos que dominavam as aulas de Educação Física Escolar, fazendo que o esporte obtivesse um lugar de destaque dentro do espaço escolar. Mas, a partir da década de 1980 surgem contestações a esse modelo:

[...] as necessidades de superação do paradigma de aptidão física, associadas ao próprio contexto político e social do país, em meio ao processo de democratização, foram às bases para o que se configurou como o Movimento Renovador, também denominado de Movimento Crítico (NASCIMENTO, 2016, pág. 106).

Com o desenvolvimento de uma perspectiva crítica com relação à função social da Educação Física Escolar e, portanto, com as suas obras de referência como, por exemplo, o “Coletivo de Autores”, esse paradigma começa a ser ameaçado e questionado como atividade meio e fim dentro das aulas. Essas construções teórico-metodológicas concebem que o tecnicismo – ou seja, a técnica com um fim em si mesma - empregado como meio central das atividades não seja a forma ideal para se passar o conteúdo esporte e viam nas questões culturais e sociais aspectos pedagógicos mais importantes para uma transmissão mais rica desse conteúdo. E então, os jogos e brincadeiras, bem como outros conteúdos, começam a dividir espaço com o esporte dentro das escolas.

A incorporação dos supostos teóricos críticos ao fenômeno esportivo e do chamado movimento renovador aos cursos de formação profissional em Educação Física, sobretudo nas instituições de ensino superior públicas, pode ser um dos elementos que explicam uma maior diversificação dos conteúdos da EFE. Entretanto, essa hipótese carece de comprovação no âmbito deste estudo, uma vez que a discussão sobre a formação acadêmico-profissional da área não são escopo dessa pesquisa. Outro fato que não pode ser desprezado é a influência da infraestrutura física destinada às aulas de Educação Física, que podem favorecer ou inibir a introdução de determinados conteúdos da cultura corporal.

O Currículo em movimento, programa institucionalizado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, veio a ser um aditivo – em âmbito local - com relação ao que o Movimento Crítico propunha às aulas de EFE. O programa, buscando melhorar e, também, referenciar o ensino básico do DF, propôs objetivos e conteúdos, abrangendo a cultura corporal, que acrescentassem na proposta pedagógica dos professores, ou seja, na formulação de aulas mais contextualizadas que atraíssem os alunos e também na formação escolar e social dos estudantes.



Dessa forma, os conteúdos foram sendo estratificados de acordo com as faixas-etárias de ensino. A saber, com a proposta do programa, teriam que ser trabalhados, nos anos finais do Ensino Fundamental, conteúdos como:

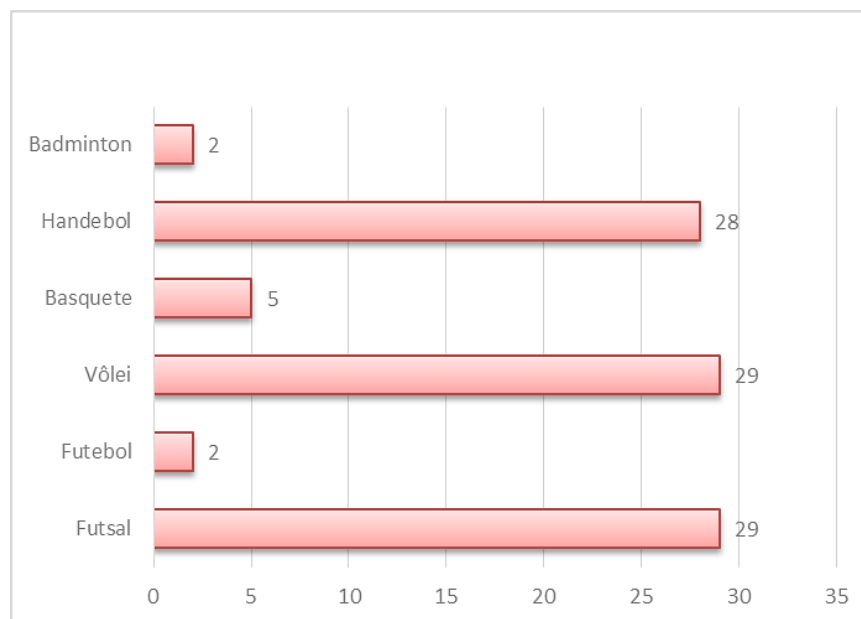
**Tabela 1:** Dados referentes aos conteúdos propostos pelo “Currículo em Movimento” para as aulas de E.F.E.

<b>Conteúdos</b>	<b>Faixa-etária de Ensino Fundamental</b>
Expressão corporal; ritmo; dança	6º ano
Habilidades locomotoras; habilidades manipulativas; habilidades de estabilidade axial	6º e 7º ano
Jogos cooperativos; jogos populares; jogos de estafeta	6º, 7º, 8º e 9º ano
Jogos adaptados; jogos pré-desportivos; iniciação a esporte e lutas; atividades circenses; ginástica e dança	8º e 9º ano
Capoeira; Maculelê	6º, 7º e 8º ano
Origem e evolução das ginásticas e atividades circenses, dos esportes e lutas	9º ano
Regras de inclusão e participação em atividades	6º, 7º e 8º ano
Diversidade de biótipos, padrões de estética impostos socialmente; Marketing e consumo; Anorexia, bulimia, vigorexia, alcoorexia	6º e 8º ano
Vitória, derrota, superação, aceitação, respeito, compreensão, ética	6º, 7º e 8º ano
Yoga; Tai chi chuan; Pilates	7º, 8º e 9º ano
Skate, slackline, le parkour, escalada, trilhas (Esportes Radicais)	8º e 9º ano
Profissionalismo no esporte (atletas, árbitros, mídia, dirigentes e etc.).	9º ano
Gênero, etnias, orientações sexuais, classes sociais, biótipos, ética, inclusão.	7º, 8º e 9º ano

**Fonte:** Currículo em Movimento SEDF. (Elaboração própria).

Logo, podemos presumir que conteúdos diversificados foram acrescentados ao conteúdo letivo da Educação Física com a proposta do “Currículo em movimento” e esta pode ajudar os professores da Rede pública de Ensino do Distrito Federal, e até mesmo as redes de escolas particulares, direcionando-os para escolha de conteúdos variados, e não apenas focando o conteúdo nas modalidades esportivas coletivas.

**Gráfico 5** - Modalidades esportivas trabalhadas nas aulas de E.F.E da rede pública de ensino do Rec. Emas.



Elaboração própria.

Além da suspeita de que o esporte seria o conteúdo hegemônico nas aulas, pressupomos que dentro do conteúdo esportivo ocorreria o predomínio de determinadas modalidades, que tradicionalmente são desenvolvidas no ambiente escolar. Nesse sentido, indagamos os estudantes sobre quais modalidades esportivas eram desenvolvidas nas aulas, vide Gráfico 5. Dessa vez, as respostas dos alunos confirmaram nossa suposição, uma vez que elas se concentraram em apenas três modalidades, a saber: Futsal, Vôlei e Handebol.

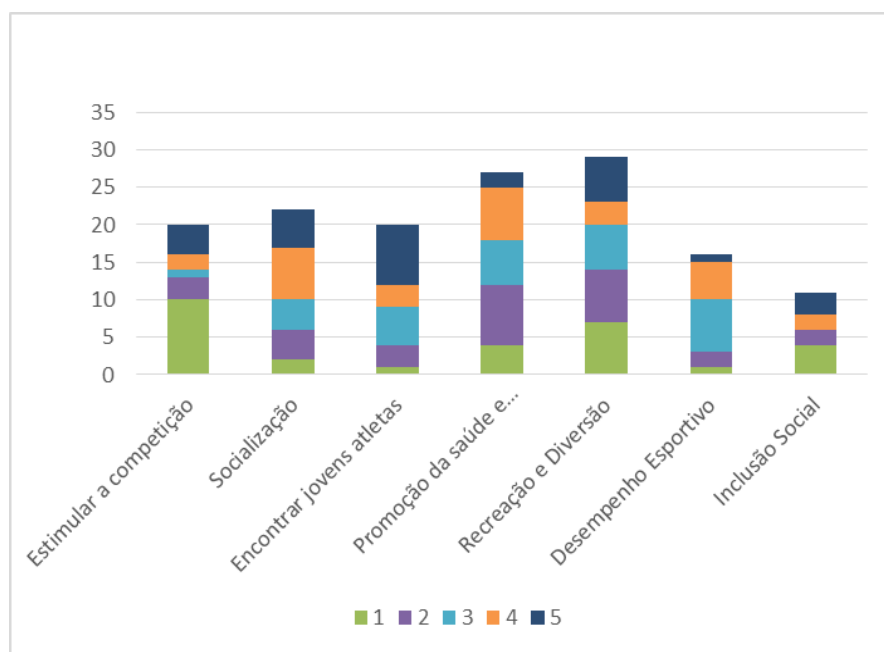
Como dito anteriormente, as estruturas físicas das escolas públicas do Distrito Federal - e, igualmente, da Região Administrativa XV -, podem favorecer ou inibir determinados conteúdos da cultura corporal. Isso porque, na maior parte das escolas, quando existem, as estruturas são semelhantes, contendo apenas as quadras poliesportivas, que, em meados do ano 2007, foram atendidas pelo projeto de cobertura das quadras realizado pelo FNDE<sup>12</sup>. Portanto, a falta de espaço físico para desenvolvimento de determinadas modalidades

<sup>12</sup> O FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – sob decreto e sanção da LEI N 11.578, DE 26 DE NOVEMBRO DE 2007, atingindo algumas regiões do Brasil, em esferas municipais e estaduais, desenvolveu os projetos de cobertura de quadra escolar “pequena” e “grande”. Os projetos podem ser encontrados em: <http://www.fnde.gov.br/programas/par/par-apresentacao>. Acesso em 21/05/17 às 10:37.

esportivas, pode ser relatado como influenciador para os esportes “tradicionais” serem os mais praticados/desenvolvidos como mostram os dados obtidos e repassados no gráfico 5.

Com relação ao Gráfico 5, vale mencionar ainda a citação a uma modalidade esportiva pouco comum nas escolas brasileiras, nos referimos ao Badminton. Mesmo que com uma baixa incidência, acreditamos que a referência a essa modalidade esportiva é consequência de projetos e ações da SEDF que vem desenvolvendo-a no contra turno das aulas com os Centros de Iniciações Desportivas – CID’s na Região Administrativa XV.

**Gráfico 6** – Os objetivos das aulas de Educação Física Escolar do Rec. Das Emas, na visão dos alunos. (Grau de prioridade: nº 1 o mais importante e o 5 menos importante).



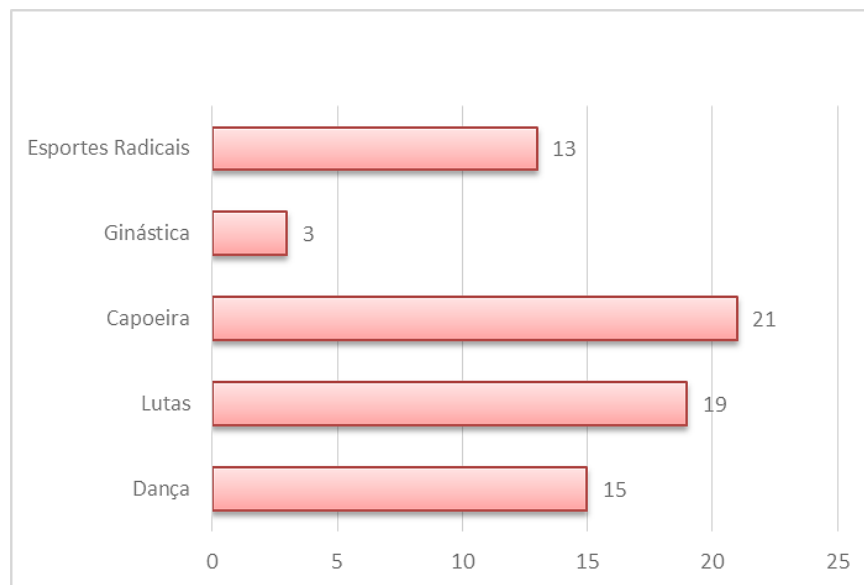
Elaboração própria.

O gráfico 6 corresponde ao que os alunos compreendem como os principais objetivos da Educação Física e suas aulas. Percebe-se que a opção “estimular a competição” foi a mais assinalada por parte dos alunos, no primeiro nível de importância, seguida pela opção “recreação e lazer”. *Então, será que o ambiente competitivo, e o seu estímulo, tem sido foco das aulas? Existe aqui uma influência dos Jogos escolares?* Há, porém, uma incidência maior no computo geral de demarcação em “recreação e diversão”, ou seja, essa alternativa foi a mais indicada pelos estudantes, mesmo que em níveis de importância menores. Portanto, a parte lúdica e recreativa parece, realmente, não ser desprezada pelos alunos.

*Mas será que com a inclusão da competição o ambiente lúdico deixa de ser abordado? Será que os dois temas, competição e ludicidade, podem ser trabalhados simultaneamente?* Vale lembrar que “a competição em si não é boa ou má, ela é o que fazemos dela” (FERRAZ apud REVERDITO et al., pág. 38) [idem pág. I]. Deste modo,

pressupõe-se que esses objetivos podem estar juntos dentro dos conteúdos da Educação Física escolar, cabendo ao professor pensar o planejamento e os instrumentos pedagógicos para isso.

**Gráfico 7** - Conteúdos dos quais os alunos gostariam de aprender/vivenciar nas aulas de E.F.E da rede pública de ensino do Rec. Emas.



Elaboração Própria.

O gráfico acima apresenta conteúdos da cultura corporal que os alunos gostariam que fossem repassados, ou mesmo, os que eles gostariam de ter a oportunidade de experimentar/vivenciar. A capoeira, que pode ser considerada tanto dança como luta a depender dos objetivos, foi o conteúdo que obteve maior aclamação, trazendo uma riqueza de possibilidades consigo, pois pode ser trabalhada de variadas formas, não apenas de forma física, ou seja, golpes e/ou movimentos, e sim de forma cultural e histórica, haja vista que a capoeira é um dos marcos da cultura brasileira e possui uma grande relevância histórica.

As lutas tiveram um forte apelo por parte dos alunos e, assim como a capoeira, possuem ótimas maneiras de trabalhar, as origens de cada luta podem ser relatadas, assim como os golpes, a especificidade de cada tipo e as técnicas. Ao mesmo tempo, esse interesse dos alunos reflete o sucesso e a influência do processo de espetacularização esportiva. Uma vez que as lutas, sobretudo os campeonatos de MMA (Mixed Martial Arts) são percebidos como grandes produtos pela indústria midiática e do entretenimento, atraindo cada vez um contingente maior de consumidores, não sendo suficiente como elemento de atração as características e benefícios intrínsecos à prática da atividade.

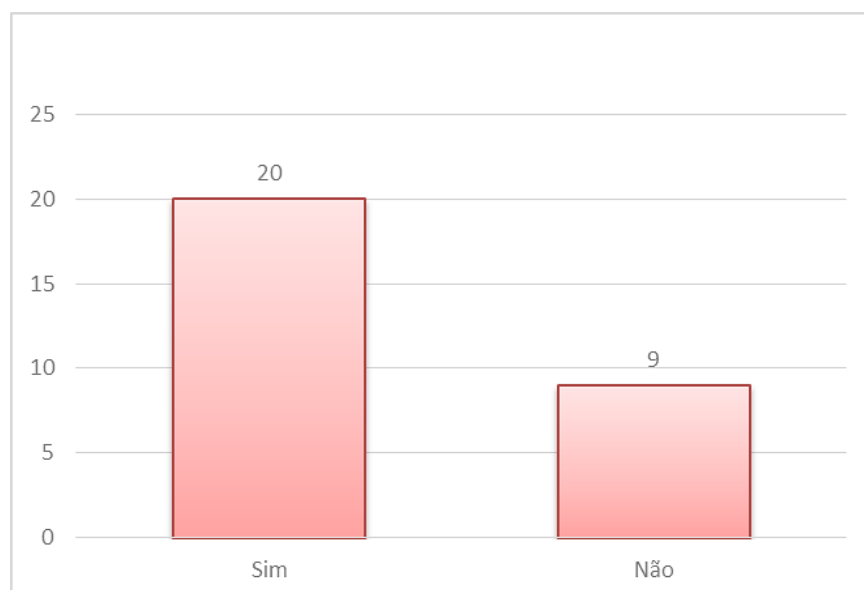
A escola pode ser tanto um local privilegiado, no sentido da formação esportiva diversificada, crítica, rica de valores e atitudes. Assim como também pode ser um espaço de reprodução e veiculação do discurso mítico que envolve o esporte e o seu consumo enquanto mercadoria. (NASCIMENTO, 2016, pág. 109).

A referência aos esportes radicais, assim como as lutas, é uma expressão da espetacularização das práticas corporais. São cada vez mais recorrentes grandes eventos de esportes dessa natureza, mobilizando grandes empresas e o interesse dos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, a incidência desse conteúdo é reflexo das mudanças sociais contemporâneas, dentre as quais encontra-se a construção de uma *sociedade do risco*, que encontra referência simbólica na prática ascendente de “esportes catastróficos em tempos de crises” (DIAZ, 2008, 55). Além disso, esses esportes não se limitam a uma determinada prática esportiva, mas expressam a adoção de um estilo de vida, de um determinado comportamento perante a sociedade e de uma forma de se vestir, que garantem uma identidade específica a esse grupo (tribo), como, por exemplo, os skatistas. As danças também se enquadram nessa perspectiva, pois, em alguns casos, são elementos de uma identidade local, sendo o caso do *hip-hop* nas periferias do Distrito Federal.

No entanto a incorporação desses “novos esportes” ou distintas práticas corporais, ainda esbarram nos limites da formação profissional, bem como na ausência de espaços públicos que possibilitem o acesso a essas atividades. Esse cenário se agrava no interior da escola, que para muitos desses jovens é o único lugar em que poderão ter assegurado seu o direito ao esporte e lazer e, por conseguinte, para vivenciar a diversidade da cultura corporal.

Após algumas observações iniciais sobre a organização e características dos conteúdos nas das aulas de Educação Física nas escolas do Recanto das Emas, passamos agora a relacioná-los com a realização dos Jogos Escolares local, com o intuito de verificar as interfaces e interferências desse evento esportivo nas aulas de educação física.

**Gráfico 8** - Quantidade de alunos que já participaram dos Jogos Escolares do Recanto das Emas.



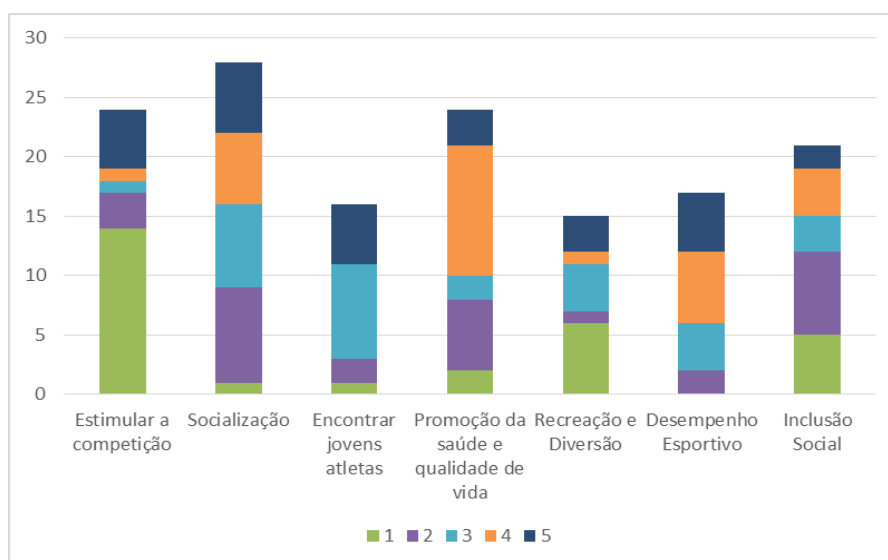
Elaboração Própria.

Agora, tratando dos jogos escolares, a grande maioria dos alunos já participou de pelo menos uma edição. Essa informação mostra a penetração dessa política dentro das escolas do Recanto das Emas, mas ao mesmo tempo demonstra seu caráter de busca pelo rendimento. Esse segundo aspecto, de modo geral, não é benéfico, pois priva a participação de outros estudantes, reforçando a busca pelo rendimento e de talentos esportivos como finalidade principal dos jogos.

A intenção de detectar talentos e selecionar a base do esporte nacional, utilizando a escola para esse processo, reintroduz para a escola o papel de instituição fornecedora de matéria prima para da base da pirâmide, que tende a valorizar o esporte, que é praticado em alto nível. (NASCIMENTO, 2016, pág. 109).

Já os alunos que participam pela primeira vez sentem-se realizados, pois “(...) os alunos, eles já começam o ano pensando nos Jogos, - *quando vai ser?* - *como é que vai ser os jogos, professor(a)?*” (Professor 2). *Mas, e quanto à interpretação deles com relação aos objetivos dos Jogos?*

**Gráfico 9** – Os objetivos dos Jogos Escolares do Recanto das Emas, na visão dos alunos. (Grau de prioridade: nº 1 o mais importante e o 5 menos importante).



Elaboração própria.

De acordo com os dados do gráfico 9, percebe-se que três opções obtiveram destaque, são elas: “Estimular a competição”; “Socialização” e “Promoção da saúde e qualidade de vida”. Dentre as três citadas anteriormente, a opção “Socialização” foi a mais assinalada por parte dos estudantes, e as outras duas tiveram um empate no número de demarcações. Porém,

o estímulo à competição foi enfatizado como o maior objetivo dos Jogos, segundo os alunos/ atletas que participaram do evento, trazendo equivalência quando comparado aos objetivos das aulas de E.F.E, expressos no gráfico 6. *Então, as aulas de Educação Física expressam um retrato do que é encontrado nos Jogos? Ou vice-versa?*

Mas a lógica seletiva da performance esportiva, ou seja, a lógica piramidal, também parece estar instaurada no nosso objeto de estudo, pois o JEREM “[...] *hoje, ele é excludente, ele privilegia, realmente, os talentos. Se a gente for observar e levar quatorze alunos para os Jogos, e o resto da escola como é que fica?*” (Coordenador). Isso salienta o quão forte está enraizado o grau competitivo no âmbito dos Jogos da Região Administrativa XV, bem como nas aulas de Educação Física da cidade. *Mas o que pode ser feito para mudança da realidade exposta?* Segundo o coordenador dos Jogos, essa

*[...] é uma discussão muito antiga, e a gente tem que ter uma maturidade com relação a isso e fazer várias reuniões, porque não tem jeito, mas a própria estrutura dos Jogos da Juventude e dos Jogos Olímpicos também é a mesma coisa. Então, como é que fica na escola? Eu acho que se houver uma mudança de mentalidade nas Olimpíadas e nos Jogos da Juventude acontece também dentro da escola.* (Coordenador, grifos do autor).

Assim como colocado pelo coordenador do JEREM, o evento por ele organizado segue a mentalidade dos principais eventos esportivos, ou seja, a lógica de seleção para obtenção dos melhores técnica e fisicamente. Mas os principais eventos esportivos são direcionados por uma lógica e interesses que estão muito distantes dos objetivos (pedagógicos) dos Jogos, pois eles são voltados ao espetáculo, ao show, à maximização da performance e ao fomento da indústria esportiva. De outro lado, os Jogos cumprem, ou melhor, deveriam cumprir outros objetivos, apoiando-se na lógica de Esporte Educacional de Tubino (2010) onde o esporte é utilizado para atingir princípios socioeducativos. Portanto, os jogos não deveriam ser vistos apenas como o Esporte Escolar, aquele que, segundo Tubino (2010), privilegia o desenvolvimento esportivo e também o seu espírito.

## 5. CONCLUSÕES

No capítulo anterior analisamos e interpretamos os dados reunidos durante a pesquisa de campo. A análise e interpretação, citadas anteriormente, foram feitas de acordo com as discussões teóricas e bibliografias abordadas no capítulo 3, denominado referencial teórico. Então, a partir das reflexões e problematizações dos capítulos anteriores, destacaremos as conclusões finais da pesquisa, encerrando temporariamente o estudo proposto.

Podemos concluir com a análise dos dados, e também com a própria história da Educação Física, que as aulas de EFE (Educação Física Escolar) têm se modificado com o passar dos anos. Dentre essas mudanças, surgiram influências que buscaram demonstrar outras possibilidades para além do paradigma da aptidão física, tais como, o Movimento Renovador. Entretanto, retomando nossas hipóteses iniciais, que as modalidades esportivas seriam o principal conteúdo trabalhado nas aulas, e que dentro das modalidades ainda teríamos uma fragmentação, obtivemos uma confirmação. Então, de acordo com as informações coletadas, percebemos que o âmbito esportivo continua firmemente instaurado nas aulas de educação física escolar, mesmo que em menor proporção, se comparado com décadas anteriores. Porém, o conteúdo da cultural corporal está cada vez mais amplificado e cada vez mais acessível, levando-se em conta o papel atual da tecnologia, trazendo, por parte dos alunos, portanto, curiosidades e anseios para além do conteúdo esportivo.

Agora, trazendo a relação entre as aulas e os Jogos, ficou evidenciado que, na visão dos estudantes, os objetivos propostos por ambos se equivalem. Pois, segundo os alunos, esses tempos e espaços apresentam como maior objetivo o estímulo à competição, e em segundo lugar a recreação e diversão. Embora trata-se apenas da percepção dos alunos, essa função ligada à realidade competitiva, coaduna-se com o modelo ou ideia que localiza a escola como base da pirâmide esportiva. A construção desse ambiente competitivo nas aulas, expresso nos dados obtidos, pode vir a ser a primeira de muitas sedimentações, que comprovariam a ingerência dos jogos no ambiente e nos objetivos da Educação Física escolar. Fica aberto para novos estudos a necessidade de comparar essa percepção dos estudantes à observação direta das aulas, esse comparativo nos daria maiores subsídios para averiguar se há uma percepção equivocada dos estudantes ou se é apenas uma resposta ao estímulo dado pelos professores da disciplina.

A pesquisa, com o seu desenrolar, obteve um caráter amplamente exploratório, pois o tema Jogos Escolares, e, sobretudo os Jogos do Recanto das Emas, não é um objeto de estudo abordado com frequência. Por isso, concluímos que este objeto de estudo está em fase embrionária, portanto, há necessidade de realização de novos estudos. Outro ponto a ser aqui



abordado é com relação ao alcance da pesquisa, pois, à princípio, analisaríamos os Jogos Escolares do Distrito Federal – JEDF e os Jogos Escolares do Recanto das Emas – JEREM. Porém, devido aos desencontros entre as datas de início de ambas as competições, e também da disponibilidade de tempo, optamos por realizar o estudo apenas com o JEREM e as escolas da Região Administrativa XV, diminuindo, assim, o raio de alcance da pesquisa. Por conseguinte, apontamos para necessidade de realização de novas pesquisas que abarquem o tema aqui pesquisado, assim como a necessidade de estudos em outras regiões e com uma maior amplitude, se possível.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A; MARTINS, F; SARMENTO, P. Jogos Escolares Brasileiros: reconstrução histórica. **Revista Motricidade**, Vila Real - Portugal, v. 8, n. S2, 2012, p. 916-924.

BRACHT, VALTER. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2a ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005.

CASTELLANI FILHO, L. O esporte na Nova República. **Corpo e Movimento**, n. 4, p. 7-10, abril, 1985.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DÍAZ, A. R. El trabajo y la actividade física; La producción de nuevos deportes. In: **El deporte em la construcción del espacio social**. Madrid: CIS, 2008. p. 51-60.

GANCZ, R.. **O ensino da história da educação física no Brasil: ainda seguimos uma visão linear?**. In: VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia. Anais do VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Uberlândia: UFU, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HUNGARO, E. M. A Educação Física e a tentativa de deixar de mentir: o projeto de intenção de ruptura... In: MEDINA, J. P. S. (Org.). **A Educação Física cuida do corpo e mente**. 25 ed. Campinas: Papirus, 2011, v. 1, p. 135-159.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

NASCIMENTO, Edriane Lima do. **Políticas públicas e esporte educacional: adeus ao atleta na escola?** 2016. xv, 197 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

REVERDITO, R.S., SCAGLIA, A.J., SILVA, S.A.D., GOMES, T.M.R., PESUTO, C.L., BACCARELLI, W. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática** (UFG). v.11, p. 37 - 45, 2008.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. v. 1. 143p.

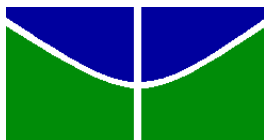
TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação : o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo, SP: Atlas, 2008. 175 p.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação.**

Maringá: Eduem, 2010. 163p.

VAZ, A. F. .Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-23, 2005.

## **ANEXOS**



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) estudante para participar do estudo sobre a política de esporte educacional no Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **Hudson de Sena Corrêa**, com orientação do professor Dr. **Pedro Fernando Avalone de Athayde** (matrícula FUB 1070754), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a relação entre os Jogos Escolares e as aulas de Educação Física da rede pública de ensino do DF*.

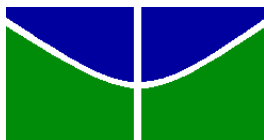
Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a três questões de um roteiro de entrevista semiestruturada. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, uma vez que não haverá divulgação do nome dos entrevistados. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras pesquisas.

Diante do exposto, Eu, \_\_\_\_\_ (nome do Professor/Coordenador), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor orientador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do estudante ou responsável



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) professor (a) para participar do estudo sobre a política de esporte educacional no Distrito Federal, sob responsabilidade do estudante **Hudson de Sena Corrêa**, com orientação do professor Dr. **Pedro Fernando Avalone de Athayde** (matrícula FUB 1070754), da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

A referida pesquisa é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física. O estudo tem como objetivo *analisar a relação entre os Jogos Escolares e as aulas de Educação Física da rede pública de ensino do DF*.

Informamos que a sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade. A participação consiste em responder a três questões de um roteiro de entrevista semiestruturada. Comprometemo-nos a preservar a identidade dos participantes da pesquisa, uma vez que não haverá divulgação do nome dos entrevistados. Além disso, as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a produção deste trabalho e não poderão ser repassadas para outras pesquisas.

Diante do exposto, Eu, \_\_\_\_\_ (nome do Professor/Coordenador), reconheço que fui informado pelo pesquisador sobre as condições de realização da pesquisa e aceito fazer parte deste estudo. Ao mesmo tempo, me comprometo a responder ao questionário apenas com informações verídicas.

Brasília, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor orientador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do estudante ou responsável



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação Física**

Esta entrevista diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física, tendo como objetivo analisar a relação entre os Jogos Escolares e as aulas de Educação Física da rede pública de ensino do DF.

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

- 1)** Qual é o papel da Educação Física escolar no projeto político pedagógico da escola e na formação dos estudantes?
  
- 2)** Qual é o objetivo dos Jogos Escolares? Você concorda com esse objetivo ou acha que os Jogos deveriam cumprir outros objetivos?
  
- 3)** Na sua opinião, quais deveriam ser as prioridades da política de esporte educacional do DF?

## TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Professor 1 – Coordenador

Hudson: Qual é o papel da Educação Física escolar no projeto político pedagógico da escola e na formação dos estudantes?

R: Bem, antes de responder esta pergunta eu quero deixar bem claro que hoje nas escolas públicas do Recanto das Emas, que é o local onde eu trabalho, a Educação Física já está integrada ao Projeto Político Pedagógico, e há uma discussão, inclusive, com os pais e os alunos de como a gente pode estar sempre melhorando os Projetos Políticos Pedagógicos específicos do esporte e da formação esportiva dentro da escola. Então, o papel da Educação Física ele é primordial, não existe hoje uma escola sem esporte e o esporte sem a escola, então, é uma relação de mão dupla, ou de duas vias, “né”, onde a importância é clara. A gente vê que a formação do garoto depende muito da formação esportiva também, que fazemos dentro das escolas, e o Recanto das Emas “sempre está”... a gente faz reuniões com os professores para discutir justamente esse projeto dentro das escolas, através das reuniões pedagógicas. Então, a Educação Física com certeza está ligada as outras disciplinas, como as outras disciplinas estão ligadas a Educação Física.

Hudson: Qual é o objetivo dos Jogos Escolares? Você concorda com esse objetivo ou acha que os Jogos deveriam cumprir outros objetivos?

R: “Olha só”, a gente sabe que o talento esportivo ele... nós temos aí, se a gente for observar a escola como um todo, em cada modalidade a gente tem um talento esportivo sim, claro que tem, só que e aí e como ficam os outros alunos, né? Então assim, os Jogos, hoje, ele é excludente, ele privilegia, realmente, os talentos. Se a gente for observar e levar quatorze alunos para os Jogos, e o resto da escola como é que fica? Então, é uma discussão muito antiga e a gente tem que ter uma maturidade com relação a isso e fazer várias reuniões, porque não tem jeito, mas a própria estrutura dos Jogos da Juventude e dos Jogos Olímpicos também é a mesma coisa, então, como é que fica na escola? Eu acho que se houver uma mudança de mentalidade nas Olimpíadas e nos Jogos da Juventude acontece também dentro da escola. “Tá”, então assim, o trabalho da Educação Física escolar ele tem que ter esse cuidado de não colocar específico o trabalho com o talento, que não é esse o nosso objetivo com a Educação Física e nem nunca vai ser, os Jogos Escolares é um cronograma que acontece todo ano que a gente leva, vamos colocar assim, os talentos de cada modalidade, mas o objetivo não são os jogos, o trabalho da Educação Física escolar não são os jogos, é um complemento do nosso trabalho, então, os Jogos Escolares, na minha visão tem que rever um pouco dessa questão de privilegiar só os talentos, é uma discussão antiga e eu particularmente não sei qual a melhor saída hoje, eu não saberia te dizer, mas que tem que ser revisto tem, eu não concordo em privilegiar só o talento.



Hudson: Na sua opinião, quais deveriam ser as prioridades da política de esporte educacional do DF?

R: É, essa também é uma outra questão que eu estou há 17 anos na Secretaria de Educação e até hoje eu não vi um projeto esportivo que engloba “aí” as escolas junto com as parcerias como a comunidade, por exemplo. Eu vejo a Secretaria de Esporte e Lazer não trabalhando integrado com a Secretaria de Educação, que o erro já começa por aí, então, a verba que vem para Secretaria de Esporte e Lazer ela não é uma verba pensada junto com a Educação Física das escolas, e da mesma forma o dinheiro que chega no desporto escolar também não chega da forma que deveria ser, então o que acontece, dinheiro tem, nós temos uma verba que vem da loteria federal destinada ao desporto escolar, só que ele é mal administrado e não chega no estudante, por exemplo, da forma como deveria chegar. Então, pensar em uma política educacional hoje, é pensar em um projeto escola comunidade, é pensar em uma macroprojeto onde uni, definitivamente, a Secretaria de Esporte e Lazer e a Secretaria de Educação, como tentou fazer isso e não houve êxito, eu ainda acho que é por aí, não houve êxito porque os caminhos políticos não deixaram, com relação a dinheiro porque o maior problema foi verba, a destinação de verba, porque a verba, se você for pensar em escolas do DF, são quantas escolas, né? Então, é muita coisa, mas hoje nós não temos uma política esportiva educacional, então é outra discussão que tem que ter no DF.

## Professor 2 -

Hudson: Qual é o papel da Educação Física escolar no projeto político pedagógico da escola e na formação dos estudantes?

R: A Educação Física é muito importante, *né*, para o ser humano. Eu acho que ao longo dos anos as pessoas foram percebendo isso, até mesmo na história da Educação Física, a Educação Física Higienista, a Educação Física competitiva em si ajuda muito a formação do ser humano, a prática em si ajuda muito. Então a Educação Física tem um papel muito importante na escola, em todas as disciplinas, e eu acho que ela deveria sair mais do papel, *né*, tá escrito, mas não tem a prática, principalmente nas séries iniciais que dizem que tem, mas não tem, são poucas escolas que têm a Educação Física nas séries iniciais e os alunos chegam no 6º ano, por exemplo, aqui na escola, sem nenhuma capacidade motora, sem nenhum desenvolvimento motor, sem nada, lateralidade zero. E aí se tivesse uma base, se o projeto fosse cumprido na base mesmo, de verdade na escola, eu acho que seria bem melhor para os estudantes e para os professores também, porque eles veem na Educação Física um momento de recreação, principalmente nas séries iniciais. É uma recreação, mas deveria ser orientada. Então, o projeto deveria ser cumprido.

Hudson: Qual é o objetivo dos Jogos Escolares? Você concorda com esse objetivo ou acha que os Jogos deveriam cumprir outros objetivos?

R: “É”, os Jogos Escolares ele têm o objetivo de integrar as escolas e proporcionar um momento de diversão e de lazer para os alunos, além da competição em si. Eu acho que o Recanto das Emas por si só, eu já ouvi falar de outras regionais, mas o Recanto ele tem uma tradição nos Jogos Escolares de forma que os alunos, eles já começam o ano pensando nos Jogos, - *quando vai ser?*, - como é que *vai ser* os jogos, professora? Então, eu acho que o objetivo dele tem sido cumprido ao longo desses anos, *né*? Não é atoa que já tem 16 ou 15 anos que os Jogos acontecem, então, eu acho que os objetivos dele têm sido cumpridos e continuam sendo, na forma de competir, na lealdade, na reciprocidade, o *fair play* que eles propõem durante os jogos, e eles acontecem de verdade, tanto que, se você for assistir aos jogos do JEREM, você percebe o tanto que é *certinho*, o que os meninos têm que fazer, o cumprimento. Então, além de trabalhar a disciplina com os alunos, trabalha tudo que a gente vê em sala de aula eles veem na prática como tem que ser, e acabam levando até para os inter-classes da escola, eles até comparam com os Jogos Escolares, e é muito importante, toda regional de ensino tinha que ter, mas infelizmente não tem.

Hudson: Na sua opinião, quais deveriam ser as prioridades da política de esporte educacional do DF?

R: É, Política de Esporte Educacional, é bem difícil, *né*, você falar o que seria uma prioridade, a prioridade tem que ser em si os alunos, *né*, mas tem que ser a estrutura, tem que ser o material, porque a gente não tem recurso nem na sala de aula. Então, eu acho que tinha que ter uma prioridade além dos jogos em si, tinha que ter recurso, recurso para o

professor trabalhar e deveriam colocar isso na política do esporte, porque não adianta eles quererem formar um ser é... biopsicossocial, que tem um convívio, que trabalha a mente e o corpo, tudo junto, sendo que ele não tem recurso para isso, né.

### Professor 3 –

Hudson: Qual é o papel da Educação Física escolar no projeto político pedagógico da escola e na formação dos estudantes?

R: É, eu acho que a Educação Física Escolar dentro do Projeto Político Pedagógico da escola vai atender muito mais a questão de formação do estudante como um cidadão capaz de reproduzir o que ele aprende dentro da escola na sociedade. Então, acredito muito que a Educação Física tem o papel de formar um cidadão ativo através de conteúdos como: lutas; esporte; ginástica; e até mesmo a parte de conhecimento do corpo, formar ele para que ele atue em sociedade.

Hudson: Qual é o objetivo dos Jogos Escolares? Você concorda com esse objetivo ou acha que os Jogos deveriam cumprir outros objetivos?

R: Eu acho que um dos principais objetivos dos Jogos Escolares, além de promover a competição saudável entre eles, acredito muito na questão de ensinar a questão de valores sociais para eles, *né...* respeito, igualdade, respeitar as normas do esporte, que pode ajudar de certa forma na sociedade, ensinando os alunos a respeitar as normas, as leis que existem na nossa sociedade, além de promover outros tipos de valores sociais, e eu acho que de uma certa forma os Jogos Escolares estão no caminho certo, acho que os objetivos dele devem continuar assim, porém acho que a única parte que deixa a desejar muito nesses jogos escolares é a pressão que é exercida e elevada de mais sobre eles, que ainda são novos e que estão aprendendo com o passar dos dias, e é isso daí mesmo.

Hudson: Na sua opinião, quais deveriam ser as prioridades da política de esporte educacional do DF?

R: Vamos lá... o que eu acho, cara, as prioridades da Política de Esporte Educacional aqui no Distrito Federal é justamente promover a prática esportiva, tanto no ambiente escolar, mas também dar possibilidades para que o aluno no contexto escolar possa se espalhar e de uma certa forma continuar a prática esportiva fora também do contexto escolar, ou seja, utilizando Esporte e Lazer e o Esporte de alto rendimento. Porém acho que é uma coisa que está muito longe do nosso contexto, pega aqui os investimentos que estão acontecendo, não só na parte esportiva de alto rendimento como de lazer e educação, ainda deixa muito a desejar por falta de recursos, acho que é basicamente isso que de uma certa forma deveria ser trabalhado, investir mais na parte educacional porém incentivando a prática fora do ambiente escolar também.

#### Professor 4 –

Hudson: Qual é o papel da Educação Física escolar no projeto político pedagógico da escola e na formação dos estudantes?

R: Bom, a meu ver o papel do Projeto Político Pedagógico da escola tanto na formação dos estudantes na Educação Física é porque forma o ser de forma completa, *né*. Você trabalha tanto a parte psicológica, quanto a social e a parte motora do aluno, então, é uma disciplina extremamente completa e auxilia a escola nessa questão da socialização, da solidariedade, ajuda a desenvolver todos esses valores.

Hudson: Qual é o objetivo dos Jogos Escolares? Você concorda com esse objetivo ou acha que os Jogos deveriam cumprir outros objetivos?

R: Então, os objetivos dos Jogos Escolares, do JEREM, no caso do Recanto das Emas, é integrar todas as escolas, socializar os alunos de todas as escolas e promover mesmo os esportes nas escolas. Eu vejo que realmente esses Jogos promovem tanto o basquete quanto o handebol, e assim, os alunos encaram como uma motivação para que eles treinem, para que eles participem, eles se envolvem muito uns com os outros, e isso trabalha tanto a parte psicológica deles, claro, quanto o trabalho em equipe, a liderança. Então, é extremamente importante e acho que esses objetivos são fundamentais.

Hudson: Na sua opinião, quais deveriam ser as prioridades da política de esporte educacional do DF?

R: Então, eu acredito que tem uma verba grande aí para ser usada pelo Ministério do Esporte para ser implementada nas escolas, mas não é destinado da forma adequada para as escolas, falta muito recurso, material mesmo. Então, acho que uma das prioridades da Política de Esporte Educacional seria ter essas verbas, ter o material e fazer até um trabalho de integração da comunidade, propor uma política, *sei lá*, de integração entre a comunidade e a escola, de jogos intercomunidades, *sei lá*, algo assim nesse sentido, e também investir bastante nos materiais, porque é precário, não tem como dizer que não, a quadra da nossa escola está precisando de uma reforma, por exemplo. Então, assim, destinar melhor as verbas, é isso que eu acho que deveriam ser as nossas prioridades.

## Professor 5 –

Hudson: Qual é o papel da Educação Física escolar no projeto político pedagógico da escola e na formação dos estudantes?

R: Bom, no Projeto Político Pedagógico da escola tem que estar inserido porque faz parte do Currículo em Movimento da Secretaria de Educação. Então, é um critério meramente escrito, porque o cumprimento das metas fica a cargo de cada professor, e com relação a formação dos estudantes a Educação Física tem o papel primordial em que, em trabalhar a psicomotricidade nos estudantes das séries iniciais e finais e fazer a iniciação dos mesmos com relação a importância da atividade física, gerando nisso uma preocupação com os jovens para que não tenham: obesidade; que pratiquem atividade para evitar a obesidade e outras doenças correlacionadas, tais como diabetes mellitus. É o que eu penso, né.

Hudson: Qual é o objetivo dos Jogos Escolares? Você concorda com esse objetivo ou acha que os Jogos deveriam cumprir outros objetivos?

R: O objetivo dos Jogos Escolares, na minha opinião, eu não concordo, porque o objetivo que eles colocam é o de você trabalhar atividade fim. A Educação Física ela não trabalha atividade fim e sim atividade meio, para que eu leve um garoto para um jogo, para os Jogos Escolares, eu tenho que ter um treinamento anterior para que esse garoto esteja preparado, coisa que hoje a Secretaria de Educação não está propiciando para os professores, falta verba; falta de condição de trabalho; falta de material; falta de estrutura; porque muitas das vezes como você leva um aluno para um Jogos Escolares de Atletismo se não tem uma pista de Atletismo para treinar esse menino. Cito meu exemplo, o material esportivo que é utilizado hoje na escola é meu, o material é privado, eu compro com o meu dinheiro, então, falta isso. Se eu concordo com o papel dos Jogos Escolares, concordo, desde que haja, vamos assim dizer, apoio, e não só do diretor da escola, mas sim do próprio GDF. Pode cumprir outros objetivos? Pode. Qual é o principal objetivo dos Jogos Escolares? É fazer a interação entre os alunos, trabalhar o bom relacionamento, trabalhar o espírito esportivo, o aluno tem que saber ganhar e tem que saber perder.

Hudson: Na sua opinião, quais deveriam ser as prioridades da política de esporte educacional do DF?

R: Volto na questão número 1, trabalhar a psicomotricidade nas crianças, porque, trabalhar a lateralidade; trabalhar o que é em cima e o que é embaixo; direita e esquerda; e fazer a introdução da criança com o esporte, não é toda criança nem todo aluno que vai ser um bom jogador de futebol, não é toda criança que vai ser um bom atleta fundista, mas existem aquelas estrelas e para aqueles que não são talentosos a Educação Física escolar trabalha acima deles não como “joguinho de futebol” e sim a iniciação desportiva, mostrar para ele o que é uma aula de ginástica, o que é uma aula de abdominal, o que são exercícios físicos, que eu acho que é o primordial na Educação Física hoje, o conhecimento do corpo. O professor hoje, dando o meu exemplo, eu treino os meninos fora do meu horário de trabalho,

levo os meninos para os Jogos dia de sábado e de domingo, e eu não estou tendo a compensação dos gastos que eu estou tendo, eu não tenho a compensação de gastos com material que eu compro, e a Secretaria de Educação, em si, não fornece para a gente o material adequado, ela exige que a gente leve, a direção da escola, a Regional de Ensino montam “mil e um projetos”, assim como o governo, que a Educação Física é boa, que tem que se trabalhar o esporte com as crianças, mas como que você vai trabalhar um futebol se você não tem uma bola? Como que você vai trabalhar o Atletismo se você não tem pista? Então, nesse ponto eu não concordo. No ponto com relação a que o jogo e o esporte são válidos eu concordo 100%, ou melhor, 110%, só que para você trabalhar, você tem que ter estrutura, se você não tem estrutura você trabalha muito limitado, e essa limitação, a longo prazo, prejudica a formação de um atleta que pode ser um atleta de ponta, mas que se não for trabalhado desde o início, ele não vai chegar ao seu auge quando ele ficar mais velho.



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação Física**

Este questionário diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Educação Física, tendo como objetivo analisar a relação entre os Jogos Escolares e as aulas de Educação Física da rede pública de ensino do DF.

**QUESTIONÁRIO**

**1) Qual é a sua idade?**

de 12 a 14 anos       de 15 a 17 anos       acima de 17 anos.

**2) Qual seu sexo/gênero?**

Feminino  Masculino

**3) Você está em que nível ou ciclo da Educação Básica?**

Ensino Fundamental Séries Iniciais (1° ao 5° ano)  Ensino Fundamental Séries Finais (6° ao 9° ano)

Ensino Médio  EJA (Educação de Jovens e Adultos)

**4) Quais são os conteúdos desenvolvidos na aula de Educação Física da sua escola?**

**(Observação: é possível marcar mais de uma opção).**

Esporte       Dança       Ginástica       Lutas  Jogos e Brincadeiras

Outros Quais? \_\_\_\_\_

**5) Quais são as modalidades esportivas ensinadas na aula de Educação Física da sua escola?**

**(Observação: é possível marcar mais de uma opção).**

Futsal       Futebol       Vôlei  Basquete       Handebol

Outros Quais? \_\_\_\_\_

**6) Que outros conteúdos você gostaria que fossem trabalhados na sua aula de Educação Física?**

**(Observação: Este item pode ter mais de uma alternativa marcada).**

Dança       Lutas       Práticas corporais de aventura ou de natureza (Esportes radicais)

Capoeira       Ginástica

Outros Quais? \_\_\_\_\_

**7) Qual é o principal objetivo das aulas de Educação Física da sua escola? (Enumere os itens abaixo de 1 a 5, sendo 1 o mais importante e 5 o menos importante)**

Estimular a competição       Promoção da Saúde e Qualidade de vida  Inclusão social

Socialização       Recreação e Diversão

Encontrar jovens atletas       Desempenho Esportivo

Outros Quais? \_\_\_\_\_

**8) Você já participou dos Jogos Escolares antes?**

Sim       Não      Quantas vezes? \_\_\_\_\_

**9) Em qual modalidade você irá representar a sua escola?**

Futsal       Vôlei       Basquete       Handebol

Outros Quais? \_\_\_\_\_

**10) Qual é o principal objetivo dos Jogos Escolares? (Enumere os itens abaixo de 1 a 5, sendo 1 o mais importante e 5 o menos importante)**

Estimular a competição       Promoção da Saúde e Qualidade de vida

Inclusão social       Socialização       Recreação e Diversão

Encontrar jovens atletas       Desempenho Esportivo

Outros Quais? \_\_\_\_\_